

**MARIA ELANNY DAMASCENO SILVA  
(ORGANIZADORA)**



**O MEIO AMBIENTE  
E A INTERFACE DOS  
SISTEMAS SOCIAL  
E NATURAL**

**Atena**  
Editora

**Ano 2020**

**MARIA ELANNY DAMASCENO SILVA  
(ORGANIZADORA)**



**O MEIO AMBIENTE  
E A INTERFACE DOS  
SISTEMAS SOCIAL  
E NATURAL**

**Atena**  
Editora

**Ano 2020**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## O meio ambiente e a interface dos sistemas social e natural

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Maria Elanny Damasceno Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M499 O meio ambiente e a interface dos sistemas social e natural [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Elanny Damasceno Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-268-5

DOI 10.22533/at.ed.685201008

1. Desenvolvimento sustentável. 2. Meio ambiente.  
3. Sustentabilidade. I. Silva, Maria Elanny Damasceno.

CDD 363.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

  
Ano 2020



## APRESENTAÇÃO

Estimados leitores do Livro “O Meio Ambiente e a Interface dos Sistemas Social e Natural” é com satisfação que entregamos 44 capítulos divididos em dois volumes, que tratam da diversidade acadêmica em pesquisas sociais, laboratoriais e tecnológicas na área ambiental e afins.

Para melhor organização, o volume 1 inicia-se com o resgate histórico que percorre a trajetória da Revolução Industrial e sua relação com a degradação ambiental e o capitalismo exacerbado. Em seguida, mescla-se uma breve análise da atualização dos Códigos Florestais do Brasil de 1934, 1965 e 2012. Diante destas configurações é discutido também sobre os crimes ambientais e o conhecimentos das Leis sob as percepções das pessoas que cumprem penas. Adiante, destacam-se consideráveis estudos voltados para pontos de vistas de comunidades rurais juntamente com a manutenção de Áreas de Preservação Ambiental, Reservas Legais, qualidade de vida e sua estreita relação com o meio ambiente, além dos sistemas de plantios tradicionais, sustentáveis e o vínculo com os serviços ecossistêmicos.

A participação feminina é evidenciada com o exemplo de sustentabilidade financeira e socioambiental por meio do artesanato com Taboa. Além do mais, as atividades de pesca artesanal com mariscos é realidade diária para mulheres de região litorânea. Ainda sobre as questões socioambientais são apontados os principais desafios da mineração e a convivência social.

O crescimento populacional é alvo frequente de pesquisas devido às implicações decorrentes do crescimento econômico e o cuidado com a sustentabilidade dos recursos em grandes centros de urbanização. Neste viés, são apresentados projetos que envolvem o setor público e instituições interessadas na conservação das bacias hídricas em locais de manancial.

As iniciativas de gestão ambiental em ambientes acadêmicos aliam o conhecimento prático de estudantes e funcionários acerca da capacitação em educação ambiental. Oficinas ecológicas são abordadas como meio eficaz para conhecimento dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos pela Agenda 2030 das Organizações das nações Unidas - ONU.

As Políticas de Sustentabilidade são referências em atividades de monitoramento, levantamento de dados e gestão ambiental de efluentes em Universidades. A visão dos docentes de ensino superior do eixo da saúde sobre o ambiente natural revela reflexões importantes.

O ensino a distância atrelado aos projetos de extensão universitária promovem abrangência de conhecimentos históricos e botânicos em meio a pandemia de Covid-19, bem como de leitura e escrita de textos científicos com base em Revista Ambiental. Estudantes do ensino fundamental são entrevistados quanto ao que sabem sobre a

relação do efeito estufa e queimadas. Da mesma maneira que aulas práticas sobre solos têm resultados surpreendentes.

Por último, é evidenciado o estudo que associa a saúde humana com os aspectos do ambiente natural em zonas rurais. É oportuno citar o efeito de ferramentas ambientais que reduzem resíduos e desperdícios de alimentos em refeições.

Desejamos que este volume auxilie em vossas reflexões acadêmicas sobre o meio ambiente e o sistema social e natural.

Maria Elanny Damasceno Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A QUESTÃO AMBIENTAL CONTEMPORÂNEA SOB A PERSPECTIVA DO MATERIALISMO HISTÓRICO	
Geonildo Rodrigo Disner	
DOI 10.22533/at.ed.6852010081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>19</b>
ANÁLISE HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO DOS CÓDIGOS FLORESTAIS NO BRASIL	
Bruno Araújo Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6852010082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
ENVIRONMENTAL CRIME AND AMAZON CULTURAL ASPECTS: SOCIAL REPRESENTATIONS OF FEATHERS AND ALTERNATIVE MEASURES IN THE BOA VISTA / RR	
Perla Alves Martins Lima	
Ires Paula de Andrade Miranda	
Kristiane Alves Araújo	
Silvane Ramalho de Sousa Ribeiro	
Adan Renê Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6852010083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
PERCEPÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES SOBRE A RESERVA LEGAL E ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM DIVINÓPOLIS – MG	
Alysson Rodrigo Fonseca	
Danielly Fernanda Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6852010084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A PERCEPÇÃO DE AGRICULTORES SOBRE A RESERVA LEGAL AMAZÔNIA OCIDENTAL – ESTUDO DE CASO NA SUB-BACIA DO RIO PALHA	
Leonardo Ribas Amaral	
José das Dores de Sá Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6852010085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE HABITANTES DA MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM	
Jonathan Dias Marques	
Gustavo Batista Borges	
Thamyres de Souza Aguiar	
Victor Henrique Rodrigues Dias	
Luiz Felipe Monteiro Coelho	
Vânia Silva de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6852010086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
SERVIÇOS AMBIENTAIS: PERCEPÇÕES DE PRODUTORES FAMILIARES EM CULTIVO CONVENCIONAL E DE BASE AGROECOLÓGICA	
Kelliany Moraes de Sousa	
Lucieta Guerreiro Martorano	
Samária Letícia Carvalho Silva Rocha	
Dennison Célio de Oliveira Carvalho	

Iracenir Andrade dos Santos  
DOI 10.22533/at.ed.6852010087

**CAPÍTULO 8 ..... 91**

A PLURATIVIDADE DAS MULHERES ARTESÃS-EXTRATIVISTAS DA *TYPHA SPP* EM PACATUBA-SERGIPE

Andréa Freire de Carvalho  
Maria José Nascimento Soares  
DOI 10.22533/at.ed.6852010088

**CAPÍTULO 9 ..... 123**

O COTIDIANO DE TRABALHO DAS MARISQUEIRAS DA PRAIA DE MANGUE SECO, IGARASSU – PE

Fabio Henrique Cunha Amorim  
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão  
DOI 10.22533/at.ed.6852010089

**CAPÍTULO 10 ..... 145**

O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL DA MINERAÇÃO E OS DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA SEM FRONTEIRAS COM O OUTRO

Aloisio Ruscheinsky  
Felipe Friedrich da Silva  
DOI 10.22533/at.ed.68520100810

**CAPÍTULO 11 ..... 159**

A IMPORTÂNCIA DO PLANO DIRETOR PARA A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DOS GRANDES CENTROS URBANOS

Mikaelle Azevedo de Sousa  
Patrícia Lacerda de Oliveira Costa  
Francisco Valdone Anchieta Arrais  
DOI 10.22533/at.ed.68520100811

**CAPÍTULO 12 ..... 164**

PROJETO MANANCIAL VIVO: CONSERVAÇÃO DE MATA ATLÂNTICA NO MAIOR MANANCIAL DE ABASTECIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Ana Caroline Giordani  
Gisele Tiera  
Lenise Cristina de Oliveira Lapchenski  
DOI 10.22533/at.ed.68520100812

**CAPÍTULO 13 ..... 173**

DIAGNÓSTICO E ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS EM UMA UNIVERSIDADE PARTICULAR – ESTUDO DE CASO

Eduardo Antonio Maia Lins  
Ozandir Frazão da Silva Junior  
Sérgio de Carvalho Paiva  
Luana Meireles do Nascimento  
Julia de Paula Santos  
Cecília Maria Mota Silva Lins  
Andréa Cristina Baltar Barros  
Manuela Cristina Mota Lins  
Giselle de Freitas Siqueira Terra  
Bruna Souza da Silva  
João Victor de Melo Silva

Josiclécia de Souza Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.68520100813

**CAPÍTULO 14 ..... 184**

AGENDA 2030 E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICO-DIALÓGICA COM A OFICINA CONHECENDO OS 17 ODS

Mônica Valéria Gomes Barbosa

Deisyelle Sienize de Melo

Maria Tereza Duarte Dutra

Marcos Moraes Valença

DOI 10.22533/at.ed.68520100814

**CAPÍTULO 15 ..... 193**

CONTRIBUIÇÃO DA COMISSÃO DE SANEAMENTO DA UTFPR CÂMPUS LONDRINA PARA A EFETIVIDADE DA POLÍTICA DE SUSTENTABILIDADE

Arlete Alves Pereira

Ricardo Nagamine Costanzi

Joseane Debora Peruço Theodoro

Silvia Priscila Dias Monte Blanco

DOI 10.22533/at.ed.68520100815

**CAPÍTULO 16 ..... 197**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR: ATUAÇÃO DOS EDUCADORES

Cinoélia Leal de Souza

Denise Lima Magalhães

Elaine Santos da Silva

Jaqueline Pereira Alves

Ane Carolline Donato Vianna

Adson da Conceição Virgens

Leandro da Silva Paudarco

Daniela Teixeira de Souza

Anne Layse Araújo Lima

Alyson Matheus Magalhães Silva

Vanda Santana Gomes

Paula Mônica Ribeiro Cruz Viana

DOI 10.22533/at.ed.68520100816

**CAPÍTULO 17 ..... 209**

ENSINO DE BOTÂNICA EAD, E EXTENSÃO DO PROJETO HAITI, EM TEMPOS DE NOVO CORONA VÍRUS (COVID-19, SARS-COV-2)

Erica Duarte-Silva

Janini do Rozário Conceição

Thatiana Suci Maciel Aliprandi

Lougan Lagass Pereira

Adriano Silvério

Jalille Amim Altoé

DOI 10.22533/at.ed.68520100817

**CAPÍTULO 18 ..... 220**

LETRAMENTO ACADÊMICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NA INTERAÇÃO ENTRE ESTUDANTES EXTENSIONISTAS E ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO TODOS APRENDEM

Flávia Leopoldina Bezerra da Silva

Janayna Souza

DOI 10.22533/at.ed.68520100818

<b>CAPÍTULO 19 .....</b>	<b>232</b>
PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA DO ARARI-PA	
Dáisy Souza Seabra	
Michel Seabra Miranda	
Carla Carolina Ferreira Meneses	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68520100819</b>	
<b>CAPÍTULO 20 .....</b>	<b>240</b>
EDUCAÇÃO EM SOLOS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS E A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO 6º ANO	
Douglas Silva dos Santos	
Cézar Di Paula da Silva Pinheiro	
Carla Larissa Fonseca da Silva	
Fernanda Campos de Araújo	
Edivandro Ferreira Machado	
Alef David Castro da Silva	
Wilton Barreto Moraes	
Fernanda Gisele Santos de Quadros	
Nazareno de Jesus Gomes de Lima	
Karlamyllle Batista de Jesus	
Walker José de Sousa Oliveira	
Antônia Kilma de Melo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68520100820</b>	
<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>251</b>
O MEIO AMBIENTE NATURAL COMO POTENCIALIZADOR DA SAÚDE: SOB O OLHAR DE UMA COMUNIDADE RURAL	
Paulo Barrozo Cassol	
Edna Linhares Garcia	
Ingre Paz	
Edenilson Perufo Frigo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68520100821</b>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>261</b>
APLICAÇÃO DE FERRAMENTAS AMBIENTAIS NA PRODUÇÃO DE REFEIÇÕES – UMA REVISÃO DA LITERATURA	
Ana Paula Bandeira de Oliveira	
Carlos Alberto Mendes Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68520100822</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>272</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>273</b>

## A PLURATIVIDADE DAS MULHERES ARTESÃS-EXTRATIVISTAS DA *TYPHA SPP* EM PACATUBA-SERGIPE

Data de aceite: 03/08/2020

**Andréa Freire de Carvalho**

Universidade Federal de Sergipe

<http://lattes.cnpq.br/1516544377954021>

<https://orcid.org/0000-0002-2220-4122>

**Maria José Nascimento Soares**

Universidade Federal de Sergipe

<http://lattes.cnpq.br/8392706159125796>

<https://orcid.org/0000-0001-7879-4769>

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**RESUMO:** Este trabalho foi elaborado a partir da tese de doutorado intitulada Mulheres Artesãs: Extrativismo Da Taboa (*Typha spp.*) em Pacatuba/SE defendida em fevereiro de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/ UFS. O objetivo geral deste é explicitar os alguns significados que as mulheres atribuem às suas ações no processo de construção da sustentabilidade socioambiental, com ênfase no tripé: econômico, social, ambiental. A abordagem

metodológica baseou-se na fenomenologia social elaborada por Alfred Schutz e na história oral proposta por Meihy (1996; 2015). A partir do delineamento metodológico, obtivemos dados que nos permitiram concluir que as mulheres ressignificam a matéria-prima (*Typha spp.*), denominada por elas de taboa/e ou tabua, transformando a mesma em produtos que lhes garantam a sobrevivência no assentamento, assim como contribui para a sustentabilidade financeira. Encontramos as categorias de trabalho, resiliência, vivências cotidianas e conhecimento. Em vivências cotidianas, entrelaçada aos meandros do trabalho, inserimos a subcategoria riscos aos quais as mulheres estão sujeitas no dia-a-dia de suas vivências. Se, por um lado, a colheita e transformação da *Typha spp.* em produtos a serem comercializados ressignificam a vida destas mulheres extrativistas-artesãs, por outro, são ressignificados por estas. Conclui-se que as mulheres contribuem com a sustentabilidade local onde a *Typha spp.* brota; numa sinergia processual, uma simbiose entre mulheres extrativistas artesãs e a taboa, e, a ambiência destas. O conhecimento passado entre e gerações, de mãe para filhas, de vizinhas para outras vizinhas, de uma líder comunitária à toda uma comunidade local, e depois entorno

e região (várias cidades do Estado de Sergipe) e o observar cotidiano, permitiram que as mulheres extrativistas-artesãs conhecessem a melhor forma de cortar a taboa, mantendo-a produtiva, para que possa ser colhida novamente no próximo ano. Além do que, estas mulheres produzem cultura haja vista que o material produzido representa seu dia a dia e sua ambiência. Já a *Typha spp. per se* é uma macrófita que tem a capacidade de filtrar poluentes presentes no ambiente, mas, se não for colhida dentro de um determinado prazo, libera substâncias que culminarão com a eutrofização do ambiente aquático. Por isso, a sinergia simbiótica entre as mulheres extrativistas-artesãs e a *Typha spp.* No entanto, para além do extrativismo e do artesanato, essas mulheres são mulheres, mães, tias, esposas, parceiras, professoras, cuidadoras, pescadoras, agricultoras, cooperadas, lavadeiras, enfim, são mulheres pluriativas que desenvolvem suas atividades de sobrevivência, entrelaçando-se aos pressupostos de uma ecossocioeconomia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres extrativistas-artesãs; *Typha spp.*; Taboa; Sustentabilidade; Trabalho feminino; Pluriatividade; Ecossocioeconomia.

**ABSTRACT:** This work was elaborated from the doctorate's thesis entitled Women Artisans: Extraction of Taboa (*Typha spp.*) in Pacatuba / SE, defended in February 2018, in the Postgraduate Program in Development and Environment - PRODEMA / UFS. The general objective of it is to explain some meanings women attribute to their actions in the process of building socio-environmental sustainability, with an emphasis on the tripod: economic, social, environmental. The methodological approach was based on the social phenomenology developed by Alfred Schutz and oral history proposed by Meihy (1996) and Meihy and Holanda (2015). From the methodological design, we obtained data which allowed us to conclude that women re-signify the raw material (*Typha spp.*), denominated by them as cattail, transforming it into products that guarantee their survive in the settlement as well as it contributes to their financial and social sustainability. Furthermore, these women produce cultural material which represents their daily life. We divide the data into categories: work, resilience, everyday experiences and knowledge. In everyday experiences, we inserted the subcategory of risks at works which women are subject to in their daily life. If, in one hand, the harvest and transformation of *Typha spp.*, into products to be commercialized re-signify their lives, on the other hand the *Typha spp.* is re-signified by them. We conclude that women contribute to the local sustainability where *Typha spp.* sprouts, in a synergy, a symbology between extractivists-artisan's women and cattail, as well as their ambiance. The knowledge transmitted among mothers and daughters, from neighbors to other's, from a local community leader to several cities in the state of Sergipe, allowing the extractivist-artisan's women – to learn a better way of extracting the cattail, keeping it productive, so it can be harvested again next year. The *Typha spp.* is a macrophyte that filter pollutants present in the environment, but if it isn't harvested within a certain period of time, it ends up releasing substances which causes eutrophication of the aquatic environment. For this reason, a symbolic synergy between extractivist-artisan women and *Typha spp.* furthermore, in addition



to extractivism and handicrafts, these women are mothers, aunts, wives, partners, teachers, caregivers, fisher women, farmers, cooperatives, washerwomen, in short, they are pluriactive women who develop their survival activities, intertwining to the theoretical assumptions of the ecosocioeconomy.

**KEYWORDS:** Extractive-artisan's women; Typha spp; Cattail; Sustainability; Women's work; Pluriactivity; Ecosocioeconomy.

## INTRODUZINDO A QUESTÃO: VÉUS QUE VELAM E OBSCURECEM O TRABALHO FEMININO

Historicamente as mulheres têm lutado cotidianamente por liberdade, reconhecimento, participação política, econômica, social, cultural e atualmente, pela luta socioambiental e pela natureza. Ressalta-se que o sustentar-se, permanecer ativa, operante, ser ouvida por seus companheiros e pela sua comunidade é uma luta processual, dinâmica e dialética que tem ocorrido há tempos.

De Hipátia de Alexandria (355 D.C.), Christine de Pisan (1364-1430), Carta de Direitos das Mulheres de Olympe de Gouges (1748-1793), Flora Tristán (1803-1844), Simone de Beauvoir (1908-1986) com sua imortal frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.9), Bertha Lutz (1894-1976), Luíza Alzira Soriano Teixeira (eleita como prefeita em 1928, na cidade de Lajes, Rio Grande do Norte, tornando-se assim a primeira mulher eleita no Brasil e na América Latina) a Dilma Vana Rousseff (1ª. mulher eleita Presidenta da República Federativa do Brasil de 1 de janeiro de 2011 – 31 de agosto de 2016), as mulheres têm estado presente no dia a dia da história humana. Presentes, mas ao mesmo tempo ausentes. Constroem a história do ser humano, mas ainda são incipientes no registro da história oficial. Um diáfano véu recobre e encobre a participação e as conquistas das mulheres, principalmente em campos considerados “masculinos” (os que exigem a participação fora dos *lócus* de casa – economia, política, nos debates sobre o rumo do local, país, mundo etc.)

Nesse sentido, via de regra, a voz da mulher tem sido silenciada, seus pensamentos e ações foram ocultadas por um sistemático processo de dominação próprio de uma sociedade patriarcal (Saffioti, 2013); Oliveira (2010). Chauí (s.d) em entrevista afirma que estudos efetuados sobre grupos discriminados no século XVIII demonstram que, apesar de avanços em diversas áreas do conhecimento, mulheres e negros ainda são percebidos como aqueles que devem ser contidos, reprimidos e punidos exemplarmente.

Diante do exposto, o trabalho exercido pela mulher na sociedade de modo geral é rebaixado à condição de “ajuda” ou ao “faz parte do trabalho da mulher” como adverte Siliprandi (2000 e 2015); Woortmann (2010); Scott, Cordeiro e Menezes (2010) e Saffioti (2013) ou ainda como “apêndice”. Tal situação de oclusão e subalternidade estende-se à inúmeros campos e tem sido empreendido de formas diversas, mantendo-se um processo

de invisibilidade concomitantemente à exploração e sobrecarga de funções exercidas cotidianamente pelas mulheres, perpetuando a situação de divisão sexual do trabalho e a desigualdade de gênero que se entrelaça em formas de violências, relações de poder e ocultamentos em Preveslou, (1996); Deere e León (2002) e Saffioti (2013). Esses processos têm se mantido ora de forma velada, ora explícita.

Uma análise da macro e micro história sobre a participação da mulher demonstra que sua condição foi estruturada de forma particular no tempo e no espaço, em cada civilização, assumindo traços e peculiaridades, segundo valores, cultura, religião e tradição de cada época como salientam Mead (1973); Oliveira e Almeida (2010).

Brumer (1996) escreve que, praticamente, em todas as sociedades humanas existe diferenciação e complementaridade de papéis entre homens e mulheres. Apoiada em Hartmann (1976) e, em estudos antropológicos, a autora afirma que a estratificação social e a hierarquização, com conseqüente diminuição social da mulher ocorreu concomitantemente com o aumento da produtividade, da especialização e da complexidade da sociedade, a partir de três fatores principais:

a) as mulheres perderam o controle dos meios de subsistência como decorrência das transformações nos métodos de produção e da desvalorização de sua participação na divisão do trabalho;

b) em substituição a um trabalho de característica social e focalizado no grupo de parentesco, seu trabalho passou a ser privado e centrado na família;

c) alguns homens asseguraram seu poder sobre outros por meio de mecanismos de Estado e, como forma de compensação, elevaram a situação dos homens subordinados em suas famílias e utilizaram a família nuclear contra o grupo de parentesco.

Nestes aspectos, “[...] o controle sobre as mulheres é mantido diretamente na família pelos homens, mas é ao mesmo tempo apoiado por instituições sociais tais como o Estado e a religião” (BRUMER, 1996, p.40). O posicionamento descrito por Brumer (1996) incorpora os estudos de Hartmann (1976) por se caracterizar sob o mesmo fundamento da corrente do ecofeminismo espiritualista proposto por Vandana Shiva, ao analisar o Movimento Chipko em 1991 e descrito por Siliprandi (2015).

Siliprandi explica que para Shiva há um princípio ou uma força criativa presente em toda a diversidade da vida e se caracteriza pela “[...] criatividade, pela atividade, e pela continuidade entre a vida humana e a vida natural” (2015, p. 70). No entanto, os programas de desenvolvimento que têm sido implementados nos países do terceiro mundo, provocaram e provocam a ruptura dessa visão de união no qual o princípio feminino seria o garantidor da continuidade da vida pela combinação entre o mundo humano e o natural. Siliprandi afirma que:

Esse processo seria responsável, ao mesmo tempo, pela destruição ambiental e pela marginalização das mulheres, que teria ocorrido de duas formas: pela destruição das suas condições de sobrevivência (pela extinção das fontes de alimentação, de água, da biodiversidade) e pelo desprezo ao conhecimento que elas tinham sobre o ambiente

natural, perdendo status junto às comunidades, material e simbolicamente. A quebra das relações tradicionais teria feito com que as mulheres perdessem acesso à terra para as culturas alimentares, aos bosques, à água, e passassem a ter menor renda, menos emprego e menos acesso ao poder; e a sua exclusão da agricultura teria feito com que também se perdessem os seus conhecimentos, ecológicos e plurais, pois as mulheres eram agricultoras, silvicultoras, administradoras de recursos hídricos, entre outras funções (SILIPRANDI, 2015, p. 71)”.

Outro ponto importante apontado por Brumer (1996) é que, apesar da variação em termos de participação na divisão social do trabalho produtivo, em várias sociedades (BENERIA, 1979) têm persistido similaridades concernentes às atividades de reprodução, tanto as ligadas ao ciclo mais curto, as quais compreende o trabalho doméstico e as atividades diárias de manutenção do ambiente, quanto às atividades de ciclo longo, geracional, que abarcam desde a reprodução biológica até à educação das crianças. Essa reprodução citada por Brumer, mas que encontra seu fundamento em Beneria (1979), refere-se a um processo dinâmico de mudanças relacionada à manutenção dos sistemas físicos e sociais e principalmente do sistema economia que tem utilizado a força (re)produtiva da mulher. Reforça-se que, apesar da manutenção e utilização da força (re)produtiva da mulher, na pesquisa de campo durante a construção dessa tese, percebe-se que, mantém-se o trabalho feminino oculto por diáfanos véus, que obscurecem e relegam o trabalho feminino, ao adjetivo de “ajuda”.

Estudos atuais demonstram mudanças na situação da mulher. No Brasil, dados do Relatório de Grant Thornton International Business Report: Woman in Business: the path to the boardroom (2014); Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (2002); Pena, Correia e Van Bronkhorst (2003); Brumer (2004); Preveslou (1996), Siliprandi (2000; 2015) e Connell (2016) têm fortalecido o posicionamento de mudanças positivas de impactos na vida da mulher e conseqüente alteração de dinâmicas de construção vivencial na sociedade. Esses autores apontam alterações no padrão de crescimento da população, inserção da mulher no mercado de trabalho (aumento de mulheres líderes de setores empresariais e com salários compatíveis com as posições que ocupam) alterações no cotidiano familiar, no crescimento demográfico da população com a diminuição na taxa de natalidade e alterações na divisão sexual e social do trabalho tanto na região urbana quanto rural, principalmente no padrão comportamental familiar da classe média dentre outros aspectos.

Nessa tese, a taboa é a protagonista que proporciona matéria prima para que a mulher construa sua ação de forma positiva e os papéis que esta tem desempenhado na construção da sustentabilidade, ressignificando o produto *in natura* em objetos a serem comercializados para sua manutenção socioambiental (econômico, social e ambientalmente entrelaçado à cultura regional (produtos artesanais que retratam a ambiência sergipana). Neste aspecto, ressignificar a *Typha spp* minimiza a situação de déficit econômico, pois este fator é minimizado face à comercialização dos artesanatos produzidos pelas mãos de artesãs.

## PERGUNTA NORTEADORA

Ao refletirmos sobre a complexidade do meio ambiente, principalmente no quesito sustentabilidade, questionamo-nos: como a inclusão social das mulheres no campo econômico, político, cultural e socioambiental tem favorecido sua sobrevivência na extração da taboa (*Typha spp*)?

## OBJETIVO

O objetivo geral deste artigo é explicitar os significados que as mulheres atribuem às suas ações no processo de construção da sustentabilidade socioambiental.

## METODOLOGIA

A abordagem metodológica se delineou com base na fundamentação fenomenológica de Husserl para uma sociologia fenomenológica de Alfred Schutz, articulada à história oral. Iniciou-se com informações coletadas em encontros com a participação de mulheres de diversos segmentos da sociedade civil organizada, a exemplo de mulheres que integram o Movimento dos Pequenos Agricultores, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Os Quilombolas, as Catadoras de Mangaba, as Associações de Pesca e Marisqueiras, dentre sujeitos ligados a Universidade Federal de Sergipe a fim de discutir questões de interesses coletivos.

A partir do parágrafo supracitado, torna-se claro que a opção de escolha dos sujeitos a participar da pesquisa foi uma amostra intencional não probabilística conjugada com abordagem interdisciplinar, como instrumento e metodologia de investigação. As mulheres que trabalham com produtos *in natura*, extraídos e confeccionados por elas mesmas, direcionou-nos às mulheres artesãs, extrativistas da taboa, conhecida no Brasil por *Typha spp.*<sup>1</sup>

As mulheres indicadas no Encontro, fabricavam bolsas de fibras naturais. Foram elas que citaram o grupo de mulheres que, a partir da colheita da Taboa nas lagoas do entorno próximo ao assentamento produziam bolsas, Puff, carteiras, porta moedas, portas celulares, entre outros. Indicaram as artesãs de Pacatuba, mas, não perceberam que são também artesãs, pois fabricam chapéus a partir da colheita da palha do Ouricuri, conforme Figura abaixo:

---

1 Considerando a situação real e, as opções disponíveis, elegemos para utilização da pesquisa a amostragem intencional não-probabilística por conveniência a partir da participação a convite nos encontros e reuniões realizadas pelas assessoras do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial -NEDET, e das orientações recebidas por mulheres durante o Encontro Sergipano de Mulheres Camponesas que aconteceu no período de 18 a 20 de outubro de 2016, na cidade de Simão Dias, Sergipe.



FONTE: ACERVO PESSOAL DE ANDRÉA CARVALHO, 2017

Artesãs “fazendo corda” com a palha do Ouricuri

Fonte: Andréa F. de Carvalho (2016).

Os seguintes critérios foram definidos na escolha destas mulheres extrativistas-artesãs:

- a. participar de atividades formativas nos encontros e em associações;
- b. participar do início ao fim do processo, em outras palavras, as mulheres deveriam colher o material, torná-lo apto a ser transformado em produto artesanal e efetuar vendas diretamente com a clientela, sem o uso de atravessadores;
- c. aceitar participar da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Com base nesses critérios, a coleta de dados ocorreu na cidade de Pacatuba, Sergipe, particularmente no Assentamento Santana dos Frades, com o grupo de Mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades às quais trabalham com a *Typha spp*, doravante denominada de Taboa, com a finalidade de extrair elementos primordiais para a construção da tese baseada no resgate da história de vida das mulheres por meio da gravação de voz e do registro fotográficos dos eventos do cotidiano do assentamento e o uso da taboa como uma matéria prima para a sustentabilidade socioeconômico e socioambiental no assentamento.

A invenção da fotografia nos permite visualizar e recordar imagens e fatos que ocorrem no do dia a dia. Instantes que se eternizam a partir de um clique. Para nossa pesquisa e para mim enquanto pesquisadora, a fotografia foi essencial, pois me permitiu rever, ampliar imagens de situações que passariam despercebidas, a exemplo das mulheres resgatando a cabra, de Jéssica afundando no lodo, da cobra enroscada na árvore, do fio desencapado ligado a uma bomba d’água dentro de uma das lagoas. Enfim, foram inúmeras as situações que, gravadas e imortalizadas pela lente da máquina,

transferidas para o computador e, ao serem analisadas, contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da tese.

As imagens que escolhi foram feitas com uma máquina Nikon e as imagens foram inseridas no texto ou em formato Tiff ou JPG (JPEG). Freitas afirma que o formato Tiff é utilizado por profissionais enquanto o formato JPG ou JPEG que significa Joint Photographic Experts Group, é o mais utilizado pelas câmeras digitais devido a capacidade de compressão (FREITAS, 2014).

Para o registro oral, gravação das entrevistas-dialogadas utilizamos o aparelho Samsung Note 5, modelo SM – N 9230 G, número de série RQ8GA01933H, IMEI 354472070149920, IMEISV – 01, SOFTWARE Versão Kernel, 3.10.61 – 10982462 dpi@SWDG2904 # 1 Thu Aug 10 05:48:59 KST 2017; Versão Software de Segurança ASKS v13161228; Anotações foram feitas no aplicativo S note versão 5.2.04.25; Câmera Versão 6.5.77; as imagens e diálogos foram salvos no One Drive versão 5.0 e compartilhada com computador pessoal *vaio*, processador Inter ® Core ™ i7 – 7500 CPU @2.70GHz 2.90 GHz, ID do Produto (Product ID): 00342-41367-09124-AAOEM, Windows 10 Home Single Language © 2017 Microsoft Corporation.

De acordo com Husserl, todas as experiências diretas de seres humanos são experiências em, e de seu “mundo da vida”; elas o constituem, são dirigidas a ele, são testadas nele. O mundo da vida é simplesmente “[...] toda a esfera de experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos” (WAGNER, 1979, p.16).

Schutz (1979) focalizou esse mundo da vida de vários ângulos. Primeiro analisou a “atitude natural” que ajuda o homem a operar no mundo da vida; em segundo lugar, estudou os principais fatores determinantes da conduta de qualquer indivíduo no mundo da vida e em terceiro lugar, ocupou-se dos meios através dos quais um indivíduo se orienta nas situações da vida, da “experiência que armazenou” e do “estoque de conhecimento que tem à mão”.

Referindo-se a ação no mundo da vida, Wagner (1979) esclarece a importância de três termos fundamentais: conduta, ação e trabalho ao destacar que a conduta é um termo usado para designar experiências ativas em geral, significativas, de fato ou em potencial; ação, termo que designa a conduta “idealizada com antecedência”; e o trabalho é um termo referente à ação planejada de modo a provocar mudança no estado de coisas exterior com o auxílio dos movimentos corporais.

Na concepção social da comunidade e do indivíduo, Schutz afirma que o mundo social tem como pressuposto que a pessoa já nasce em um mundo sociocultural pré-constituído e pré-organizado de acordo com a cultura de cada grupo ou sociedade. Nesse sentido, o mundo social no qual o ser humano nasce é constituído por uma “[...] rede de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de

significados particular, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio, etc.” (1979, p.80, destaque do autor).

Essas redes de entrelaçamentos constituem, para Schutz (1979) a herança sociocultural que é transmitida às crianças que nascem e crescem dentro do grupo. Esses conhecimentos do grupo, via de regra, já padronizada pelo grupo interno, constituíram-se devido a situações anteriormente vivida pelo grupo e que até então tenha se mostrado eficiente. Para o referido autor:

O sistema de conhecimento assim adquirido – incoerente, inconsistente e apenas parcialmente claro, como é – toma, para os membros do grupo interno, um aspecto de coerência, clareza e consistência suficientes para que todos tenham uma chance razoável de compreender e ser compreendidos. Qualquer pessoa nascida ou criada dentro do grupo, aceita o esquema ready-made estandardizado do padrão cultural que lhe é transmitido pelos antecessores, professores e autoridades, como um guia não questionado e inquestionável para todas as situações que normalmente ocorre dentro do mundo social (SCHUTZ, 1979, p.81).

Schutz afirma que esse conhecimento é um “[...] conhecimento de receitas certas para interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas” (1979, p. 81). Esse conhecimento ready-made pode ser de certa forma comparado às nossas discussões acadêmicas sobre métodos científicos em si. Pressupõem-se um tipo ideal de situação, para tipos ideais de pessoas, pensamentos e comportamentos, desconsiderando as particularidades como “desvios padrões”.

A respeito do significado subjetivo do pertencer a um grupo, Schutz esclarece que essa rede de significações é, frequentemente, descrita como um sentimento de pertença e compartilhamento de interesses comuns entre os membros, a exemplo de um conjunto de hábitos, costumes e normas. O autor refere-se especificamente a grupos “existenciais” que se formam a partir da herança social e os grupos voluntários, o qual formamos ou no quais livremente nos associamos. Enquanto no primeiro grupo essa herança é previamente estabelecida por “[...] sistema de tipificações, papéis, posições e status pré-constituído” (1979, p. 83), no segundo grupo, ele tem que ser construído pelos membros internos do grupo, sendo, portanto, construído dentro de um processo dinâmico de evolução, haja vista que, cabe aos membros definir e redefinir constantemente sua situação, e cabe ao membro, no seu aspecto subjetivo e particular, definir a sua situação dentro deste.

Na questão do significado subjetivo de pertencer a um grupo, Schutz afirma que estudos sociológicos feitos por Simmel demonstram que o grupo é formado por um processo através do qual muitos indivíduos unem partes de sua personalidade – impulsos específicos, interesses, forças – enquanto o que cada personalidade realmente é permanece fora dessa área comum. Os grupos são caracteristicamente diferentes de acordo com as personalidades totais dos membros e as partes de suas personalidades com as quais participam do grupo.

Na definição do indivíduo de sua situação particular, os vários papéis sociais que se

originam desse pertencer múltiplo a grupos diversos são vivenciados como um conjunto de tipificações que são, por sua vez, ordenadas segundo uma hierarquia privada de domínios de relevância, cujo fluxo, é claro, é contínuo.

Nesse sentido, dentro do grupo constituídos por mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades que trabalham com a taboa, temos o grupo das mulheres cujo filhos viajaram para tentar a vida fora do estado: Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e outros. Elas compartilham suas preocupações, seus dilemas e suas angustias. Quanto a questão religiosa tem grupos católicos e evangélicos, que se denominam de “irmãs” no dia-a-dia, ou seja, dentro de um grupo, temos vários subgrupos, prismas de possibilidades que se ligam e se entrelaçam de acordo com os interesses específicos de cada participante do grupo maior.

Na ponte entre a sociologia weberiana e a fenomenologia de Schutz, Wagner (1970) esclarece que se têm a definição de Weber de que a ação é uma conduta humana que pode consistir em atividades físicas palpáveis, em atividades da mente, em falta de ação deliberada, ou em tolerância intencional das ações dos outros. Em todos os casos, porém, a conduta humana só é considerada ação quando e na medida em que a pessoa que age atribui à ação um significado e lhe dá uma direção que, por sua vez, pode ser compreendida como significante. Essa conduta intencionada e intencional torna-se social quando é dirigida à conduta de outros em síntese é a concepção de Weber do significado subjetivo como sendo um critério de importância fundamental para a compreensão da ação humana.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A) Mulheres extrativistas-artesãs da *Typha* spp. (taboa, tabua, rabo de gato)...

Foi a partir de um diálogo durante o mestrado, enquanto procurava compreender a mística do MST e como esta contribuía para o processo formativo-educativo dos alunos pertencentes ao curso de Pedagogia da Terra, que ouvi pela primeira vez, da aluna Normélia, que, no assentamento da qual ela fazia parte, havia mulheres que “mergulhavam para cortar uma planta que servia como matéria-prima para a feitura de peças artesanais”. No momento do diálogo, eu gravava sempre nossas conversas, e acredito que a informação ficou armazenada em minha rede neural. Assim, quando iniciei os estudos doutorais, ainda sem ter fechado o objeto de estudo, acompanhava as mulheres do NEDET (ver nota de rodapé 2) que propiciavam discussões de cunho político e econômico para as mulheres do Estado de Sergipe, e foi em um destes encontros que ouvi novamente sobre as mulheres que “[...] mergulhavam bem fundo para colher a planta in natura (sic)”.

Assim sendo, tendo contactado-as e explicado meu objetivo inicial, elas me autorizaram a acompanhá-las durante certo tempo no trabalho cotidiano. Durante dois



anos, acompanhei as mulheres da Associação de Artesãs do assentamento rural Santana dos Frades, localizado no município de Pacatuba, Sergipe, Brasil, a alguns dos locais de coleta da matéria-prima que estas utilizam para desenvolver seus produtos artesanais. Deparei-me, pela primeira vez<sup>2</sup>, com a planta que as mulheres denominam de taboa.

Dentro de uma grande área alagada, erguiam-se eretas e majestosas plantas que, segundo me disseram as mulheres extrativistas-artesãs de Santana do Frade, tinha suas raízes fixadas no solo da lagoa. As taboas diferiam da paisagem pela sua exuberância verdejante em meio ao um ambiente de restinga. Mas como era bela a imagem que se descortina nas visualizações das fotografias colhidas no local.

O local da coleta era de propriedade particular, mas segundo relatos das mulheres e de um dos sítiantes dono de um dos locais que adentramos para a coleta, “elas podem entrar quando quiserem”. Por que? Porquê enquanto para as mulheres extrativistas-artesãs a taboa é considerada “uma benção dos céus”, para os sítiantes da região pesquisada, a taboa “é uma praga, uma erva daninha, que toma conta do lago, impedindo os animais de beber água e tomando o lugar de outras plantas”.

Diante deste cenário pergunto-lhes: Podemos entrar? Respondeu Dona Gandi<sup>3</sup>, “podemos sim dona mocinha, todo mundo conhece a gente por aqui. Eles deixam a gente entrar”. Ao iniciar o diálogo continuo a questionar: como vocês colhem a taboa? Dona sorridente respondeu “a gente entra lá dona moça” (sic), apontando para uma lagoa. Entram lá? Perguntei espantada, porque ao pisar na borda, afundávamos até os joelhos em barro preto e cheiro forte. E as roupas de proteção? Como se protegem? Elas se olharam e sorriram. Aí dona Moça me diz: “aí tem muiiita história” (sic) e todas riram novamente. Dona Moça chacoalha nas mãos uma sacola plástica com marca de supermercado local e uma outra sacola de tecido e completa: “a roupa a gente trouxe aqui”. Elas trocaram as roupas que estavam usando, por outras bem mais puídas. E entraram na lagoa “margulhando” até algumas ficarem com apenas o pescoço e os braços do lado de fora. Elas trabalham em equipe, talvez nem mesmo elas tenham se dado conta.

Enquanto algumas estão imersas até o pescoço e depois desaparecem dentro da lagoa, mergulhando para extrair a taboa do fundo, outras ficam prontas para receber o

---

2 Achei que era a primeira vez, mas é exatamente por isso que, ao trabalharmos com vivências cotidianas e história oral, precisamos sempre apoiar as falas e inferências em dados concretos: fotos, recortes de jornais, imagens, cruzar dados... Com o tempo percebi que já conhecia a *Typha* spp. Ela já fizera parte de minha infância, quando morei em Mariana, Minas Gerais. Na época, barro branco, pitangas, saúvas torradas...e lá estava a *Typha* spp. Apareceu em imagens esquecidas de minha infância, que teriam sido soterradas pelo rompimento da barragem em 2015, não fosse meu tio ter salvos memória de minha infância.

3 Cada artesã escolheu o nome pelo qual gostaria de ser chamada. Temos Dona Moça, Dona Gandi (Edenilza), Dona Sorridente, Dona Nininha e Dona Jaleane (a vizinha sempre presente com seu filhinho Caio). Nos diálogos, reproduzi utilizando as alcunhas, mas nas entrevistas informais efetuadas com as mesmas, elas optaram pelo nome de batismo. Dona Gandi é a artesã Edenilza; dona Moça é a artesã Maria José; dona Sorridente é a artesã Ivanda; dona Nininha é a artesã Ana Cleide. Dona Iracema é a artesã-mestra (a que, a partir dos conhecimentos trazidos pela mãe e pela avó [que sobreviveram da utilização da taboa na feitura de esteiras] e a partir da união de cursos e diálogos que recebeu como professora do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ela inicia a produção artesanal de cestos, cintos, e outros produtos artesanais, utilizando a taboa.

que esta sendo cortado, e outras já mais na borda da lagoa, formando “maços”. Depois que cortam o suficiente para conseguirem carregar, todas saem da lagoa, e iniciam o processo de corte da parte superior.

- Não aproveitam tudo da planta? E elas respondem que depende do que será feito. Se for para bolsas, cintos, etc., a parte que fica imersa na lagoa é melhor porque é mais brilhante e o artesanato confeccionado fica mais bonito. Se for para fazer esteira, aproveita mais. E essa parte que a gente não usa, os gados comem. Então, não sobra nada.

## B) Conhecendo a *Typha spp*

Na América do Norte, estudos demonstram que a *Typha spp.* é conhecida como “cattail”, “o-nine-tail”, “flag”, “bulrush”, “cossack aspargos” etc., aqui no Brasil, é conhecida como “taboa”, “tabua”, “rabo de gato”. Quanto ao seu biótipo, as macrófitas aquáticas podem ser reunidas em cinco grupos ecológicos<sup>4</sup>, denominados a seguir:

Grupo a) Temos as macrófitas aquáticas (hidrófitas) emersas enraizadas no sedimento, com folhas que crescem para fora da água;

Grupo b) Macrófitas aquáticas flutuantes;

Grupo c) Macrófitas aquáticas submersas enraizadas;

Grupo d) Macrófitas aquáticas submersas livres;

Grupo e) Macrófitas aquáticas com folhas flutuantes e enraizadas no sedimento.

No site de informações governamentais ([reflora.jbrj.gov.br](http://reflora.jbrj.gov.br)<sup>5</sup>) encontra-se que a *Typha spp* é uma erva aquática, terrícola, emergente ou flutuante, perene ou monoica; apresenta rizoma amiláceo, simples ou ramificado, folhas emergentes ou flutuantes, dísticas, sésseis, bainha aberta, simples, lâmina linear, alongada, paralelinérvea, que vão de 50 cm a 2,50cm. Inflorescência ereta, terminal, em panícula, racemo ou espiga; suas flores são unissexuais numerosas com perianto reduzido a tricomas; flor estaminada distal, antera-basifixa, rimosas, flor pistilada, bracterolada ou não, ovário tricarpelar, unilocular, uniovolado. Fruto drupoide ou aquênio, sementes com endosperma, embrião cilíndrico ou linear. A *TYPHACEAE* é encontrada em ambientes lânticos, e/ou raramente em ambientes lóticos<sup>6</sup>. A distribuição, no Brasil, com presença confirmada ocorre nas seguintes regiões:

4 De acordo com a Convenção de áreas alagadas, conhecida como a Convenção de Ramsar, um grupo ecológico é aquele grupo de plantas que crescem sob as mesmas condições e fatores ambientais.

5 O Programa REFLORA/CNPq, uma iniciativa do governo brasileiro, tem como objetivo principal o resgate de imagens dos espécimes da flora brasileira e das informações a eles associadas, depositados nos herbários estrangeiros para a construção do Herbário Virtual Reflora. Os primeiros parceiros desta iniciativa foram o Royal Botanic Gardens de Kew (K) e no Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris (P/PC). A partir de 2014, com apoio do SiBBR (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira), outros herbários europeus e americanos foram incluídos na iniciativa, são eles: Royal Botanic Garden Edinburgh (E), Missouri Botanical Garden (MO), The New York Botanical Garden (NY), Naturhistoriska Riksmuseet (S), Smithsonian Institute (US) e Naturhistorisches Museum Wien (W). A base física do Herbário Virtual REFLORA está instalada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que é responsável pelo recebimento das imagens e transcrição dos dados. Assim, tanto as imagens e informações textuais provenientes do repatriamento, quanto as imagens e os dados textuais do acervo do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) estão sendo disponibilizadas para a comunidade científica e para o público em geral.

6 No Ministério do Meio ambiente encontramos a definição de ambiente lântico e lótico: Lântico - se refere à água parada,

Norte (Pará, Tocantins)  
Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe)  
Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)  
Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)  
Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)  
Domínios Fitogeográficos  
Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal  
Tipo de Vegetação  
Área Antrópica, Cerrado (lato sensu), Floresta Estacional Perenifólia, Floresta Ombrófila (= Floresta Pluvial), Restinga, Vegetação Aquática<sup>7</sup>.

Estudos arqueológicos evidenciaram que a *Typha spp* tem feito parte da vida dos homens a muitos tempos. De acordo com o dictionary.com unabridged, “[...] cattail was first recorded in 1425 -75, from the late middle English word cattestail<sup>8</sup>”. No livro sobre controle e manejo da Cattail, Grosshans (2016) elucida que a *Typha latifolia*, que têm a folha mais estreita, é nativa da América do Norte, e a *Typha angustifolia* não se sabe se é nativa ou introduzida no ambiente.

Por volta de 1830, duas espécies de folhas mais estreitas, denominadas de *Typha gracilis*, nativa da América do Norte e a *Typha angustifolia*, uma espécie europeia, foram documentadas no nordeste da América do Norte. Em 1850, taxinomistas haviam enxertado as duas espécies em uma única espécie: a *Typha angustifolia* (KANTRUD, 1992 in SVEDARSKY, 2016). Até meados de 1880, *Typha spp* angustifolia apenas havia sido documentado em algumas áreas alagadas perto do Atlântico Norte e se alastrou em direção aos Grandes Lagos durante final de século XIX e início do Século XX.

Seiti, Werneck e Chaves (2001), destacam que o Brasil apresenta a característica de possuir áreas alagadas relativamente rasas, o que favorece o domínio de macrófitas. Pezzato e Henri-Silva (2003); Nascimento et al (2015); Marques (2015), Grosshans e Grieger (2013); Grosshans (2014; 2016) afirmam que macrófitas absorvem altas concentrações de nutrientes e metais pesados, e que estas vem sendo utilizadas com sucesso na recuperação de rios e lagos poluídos, pois suas raízes absorvem substâncias tóxicas provenientes de despejos contaminados, formando um material mucilaginoso (biofilme microbiano).

Grosshans (2011), a partir do trabalho desenvolvido por Pratt e Andrews, (1980) tem trabalhado com a *Typha domingensis* e a *Typha angustifolia* e afirmam que estas são

---

com movimento lento ou estagnado, com tempo de residência superior a 40 dias. Lótico - é o ambiente relativo a águas continentais moventes, com tempo de residência inferior a 2 dias (ou ao do ambiente intermediário). Em como justificativa adequação à distinção dos ambientes em lântico, lótico e intermediário. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/C4297E2D/ModificPropANA1009f.doc> Acesso em 22 de outubro de 2017.

7 (Dados coletados no site: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do?idTestemunho=3801575> )

8 A primeira vez que a uma espécie da *Typha spp*. foi documentada foi em 1425-75, derivada da palavra cattestail.

excelentes filtradoras de resíduos, fertilizantes e materiais pesados, contribuindo para um desenvolvimento sustentável, haja vista que, a *Typha spp* diminui o impacto de poluentes presentes tanto no ar quanto na água. Grosshans e cientistas do Instituto Internacional de Desenvolvimento Sustentável em Manitoba, tem utilizado a biomassa da *Typha spp* como fonte de bioenergia para substituir energia fóssil.

Em 1991 Barko et al fizeram experimentos com a taboa em diversas situações, concluindo que a espécie *Typha spp* pode ser utilizada como alimento para humanos e para o gado, fertilizante para o solo, tanques de piscicultura e como abrigo para os alevinos. Apontou que a espécie supracitada pode ser utilizada na fabricação de remédios, utensílios domésticos e tijolos para a construção de moradias.

Nascimento et al (2015) corroboram com os achados de Barko (op. Cit.), afirmando que a taboa apresenta potencialidades positivas na nutrição animal, haja vista que a mesma constitui fonte de proteína bruta e matéria mineral, tanto na parte aérea quanto no palmito. Claassen (1919) assegura que a quantidade de proteína encontrada na cattail equivale a mesma quantidade encontrada na farinha de arroz e na farinha de milho. O referido autor assevera ainda que há muitos produtos usados pelos indígenas e que são pouco conhecidos ou mesmo ignorado pelos homens brancos, exemplificando com outros autores que descreveram o uso da planta *Typha spp* como farinha para pães, pudins e outras receitas.

Hartung (2016) descreve que o pólen da *Typha spp* mergulhado em óleo ou em cera de abelha, era utilizado tanto como tocha quanto como componente de fogos de artifício. Os nativos norte-americanos têm trabalhado com a *Typha spp* há mais de 12 mil anos. Suas folhas eram utilizadas na produção de colchões, cestas, cobertura de casas, redes e assentos de cadeiras. Os Blackfoot e as tribos Paiute, assim como os colonos assavam as sementes e secavam as raízes para a produção de bolos, massas, mingaus e pães. Evidências apontam que outros grupos nativos como os Yuma, misturavam o pólen da *Typha spp* e assavam bolos. Os talos centrais eram cozidos como vegetal, da mesma forma que apreciamos o milho.

Silva e Nascimento Jr. (2006), avaliaram práticas de manejo da *Typha spp* objetivando analisar as taxas de aparecimento e alongamento das lâminas foliares para obter aumento da produção forrageira. O potencial forrageiro da planta também foi avaliado por Gonçalves Junior et al (2004); Almeida et al (2007); Kinupp e Barros (2008). Nascimento et al (2014); Nascimento et al (2015); Queiroz et al (2015). A taboa como vermífugo natural na redução de nematoides gastrointestinais em caprinos foi avaliado por Silva et al (2011); Brasil et al (2007), aferiram o potencial fenológico da taboa (*Typha spp.*) utilizada no tratamento de esgoto doméstico em sistemas alagados construídos, concluído que houve bom desenvolvimento agrônômico com boa adaptabilidade da espécie no tratamento de esgoto doméstico.

Sousa (2003) procedeu a análise do desempenho da *Typha domingensis* no

tratamento de esgoto sanitário, acrescentando que, para além do bom aproveitamento no tratamento de esgoto, houve aproveitamento da biomassa da taboa pela comunidade, possibilitando tanto melhoria ambiental quanto socioeconômica da comunidade, pois houve aplicação da mesma no artesanato. Hartung (2016), também cita o uso da *Typha spp* no tratamento de efluentes, mas não especifica a espécie da mesma.

Marques (2015) faz análise diferente de Sousa (2003) ao utilizar a *Typha domingensis Pers.* do artesanato à fito remediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados. A utilização da mesma como matéria-prima para papel, cartões, pastas, envelopes, cestas, bolsas, carteiras e outros produtos artesanais é citado tanto por Claassen (1919), Marques (2015) e Hartung (2016).

Borges (2005), apontou a eficácia das áreas alagadas construídas pelo ser humano (constructed Wetlands) e como estas áreas têm crescido exponencialmente nas últimas décadas devido a fatores econômicos e ambientais. Borges (2005), Martin (1951); Grosshans (2014); Svedarsky et al (2016), apontam o baixo custo de implementação, aliado aos benefícios ambientais que as áreas alagadas têm ofertado. Assinalam o potencial da *Typhaceae* como planta de grande importância na captação de nutrientes e fósforo presentes na água, assim como estas captam os agentes contaminantes e metais pesados que provêm da poluição do ar e do ambiente terrestre, a possibilidade do uso da biomassa e de bioprodutos provenientes da *Typha spp*.

Linde *et al* (1976), Sojda and Solberg (1993), elucidam que, apesar da *Typha spp* ser capaz de causar problemas ao crescer sem controle, a mesma é uma “planta-fundamental” (keystone), haja vista que serve de abrigo para diversas espécies, a exemplo de pássaros preto, invertebrados aquáticos, pequenos peixes, prados e pássaros de cabeça amarela. No local pesquisado, encontramos invertebrados, pequenos peixes, e as mulheres extrativistas-artesãs relatam que, quando não trazem alimentos, muitas vezes, pescam saburico (uma espécie de crustáceo encontrado nas lagoas formadas em áreas de restinga). Corroborando com a afirmativa de Linde *et al.*, (1976) quanto a ser uma planta fundamental (*keystone*), as mulheres extrativistas-artesãs da taboa, dizem que há um animal que aparece nas áreas alagadas e que devora a raiz da *Typha*. “Ele é bem grandinho, gordinho, nada que uma beleza. Mas é arisco todo, a gente chega perto ele chispa que a gente só vê ele saindo lá longe...”. Por outro lado, as mulheres artesãs não tinham conhecimento das propriedades nutritivas da planta, e ficaram desconfiadas, achando que eu estava brincando, quando eu disse que a mesma era usada por tribos indígenas como farinha, e que há estudos sobre a mesma como uma planta alimentícia não convencional.

A inflorescência de uma das espécies da *Typha*, a *elefantina*, foi analisada por Vandana e Thakur (2013), como um agente cicatrizante em ratos Wistar. Os pesquisadores concluíram que a inflorescência da *Typha elefantina* possui grande capacidade de cicatrização, graças a um potente mecanismo antioxidante.

Neste caso, a taboa que as mulheres extrativistas-artesãs fazem uso como artefatos são essenciais para sua sobrevivência de modo socioeconômico porque agrega valor financeiro ao comercializar seus produtos produzindo com a colheitas em feiras, como também de caráter socioambiental porque sabem utilizar com sabedoria a extração da mesma nas lagoas do entorno do assentamento. Por outro lado, a colheita da taboa permite a sustentabilidade do ambiente em que está inserida, devido ao seu importante papel na conservação ambiental.

Importante lembrar que a época boa para a colheita da *Typha spp.* para o artesanato de bolsas, carteiras, porta moedas, porta celulares, porta pratos etc., é o período pós estação da chuva. O ano de 2017, foi um período de boa precipitação pluviométrica, e assim sendo, as lagoas que têm a espécie correta para o artesanato, a *Typha spp* pacatubense localizada principalmente na região dos Povoados Tigre e Junça, estão com profundidade favorável à colheita da mesma. Segundo relatam as mulheres extrativistas-artesãs, a *Typha spp* utilizada no artesanato de bolsas e objetos menores é diferente da *Typha* utilizada na confecção de tapetes e esteiras.

Na confecção dessas, pode ser utilizada a *Typha Domingensis Pers.*, enquanto que, para o artesanato a espécie ainda está a ser classificada, mas de acordo com espécie colhida e entregue no Herbário da Universidade Federal de Sergipe, no mês de outubro de 2017 aos cuidados da professora Doutora Marlúcia Cruz, apesar de ser uma espécie de *Typha spp*, está ainda não foi identificada e catalogada .

### C) Entrevistas-diálogos com as artesãs.

Mas chegando lá Marizete vai falar, vai dizer quem é eu, vai dizê a mesma coisa. Aí eu levei uma peça pra casa dessa mulher e nós se conhecemo. Aí eu disse do Sebrae e ela disse: Iracema, quando você ir, eu vou. Não! Iracema, ponde eu dô, minha famia também dá! Pode contar comigo! (por onde eu for, minha família também vai). Aí pronto, se juntemo, ela lá na Junça e eu no Tigre. Aí pronto, aí chegô o curso do Sebrae e eu avisei a ela, e ela ia todo dia, todo dia, todo dia, uma mulher que, tem uma associação, lá é bem legalizada, agora lá só tem duas, ela e a fia, acho que treis...já saiu tudinho, mas as peça dela, se você vê as peças, e não para, não para, que coisas mais linda, ela não para, é todo dia aberto, todo dia aberto. Aí pronto, eu dei o curso, dei o curso quinze dias, duas semanas eu dei o curso (Dona Iracema a artesã mãe da taboa, começa a chorar/ entrevista realizada por Carvalho aos 7 de janeiro de 2016).

DONA IRACEMA: ARTESÃ MÃE DA TABOA (*TYPHA spp.*)



FONTE: ACERVO PESSOAL DE CARVALHO, 2017.

Dona Iracema, nascida em 8 de agosto de 1962, mãe de 5 filhos. Casou-se 2 vezes. O primeiro esposo foi a óbito e o segundo vive com a artesã até o presente dia. Dona Iracema aprendeu o ofício de artesã com a mãe. Assim como muitas mulheres, é a pluriatividade que contribui para a sustentabilidade socioeconômica. Mulher, mãe, do lar, pescadora, artesã, professora...

Aí quando foi de manhã, mostrei pra minha cunhada, amostrei pra minha cunhada, aí endoidemo...fiquei magra, seca, fiquei seca... óia, vinha chapéu, vinha bolsa, vinha chinelo, vinha tanta coisa na minha cabeça de noite, e noutra dia era pra fazer e pronto, aí chamei minha nora, e nós trabaemo, trabaemo, mas tudo rústico, cá palha toda, bem rústico, essa trancinha, nós usemo depois de um curso, depois que o Sebrae sôbe, aí chegou lá, aí disse, vô trazê um curso, aí pronto, aí...não, depois falô disso...aí pronto, eu fazia tudo rústico, as frutera, era bolsa, tudo rústico, sem forro, sem nada, aí pronto, fizemô, aí quando pensa que não, aí convidei as mãe dos meninos, dos aluno pra trabalhar, aí as mãe vinha, eu trabalhava duas hora com as mãe e duas hora com os meninos, né? Isso era de manhã pra meio dia e uma hora pra tarde, fazia os dois horários, e assim eu fazia, com a equipe da manhã, fazia duas horas as mães e isso por minha conta (entrevista concedida a Carvalho em 4 de fevereiro de 2016).

Josso (2002) escreveu que a narração é orientada pelo que as pessoas pensam ser eventos significativos, impactantes, marcantes em suas vidas como uma forma de compreender como são e muitas vezes, por que são o que são nos dias presentes. Desta forma, essa narrativa da “realidade” constrói-se a partir da narrativa da realidade vivida, sentida e (re) memorada por Dona Iracema. De acordo com escritos de Josso, será, a partir dos questionamentos que surgirão desta narrativa, imporá nas entrevistadas e nesse caso especificamente em Dona Iracema, a “exigência de uma reflexividade” (JOSSO, 2002, p. 113). Josso referia-se ao processo de formação dos docentes, mas para esse momento específico, nos auxilia também a compreender que, nem sempre estamos cientes do quanto já conseguimos avançar em nossa vida cotidiana. O choro de Dona Iracema pode representar o quanto ela não tem ciência de suas conquistas...ou então, pode ser que, mesmo tendo sido uma situação passada, a memória, quando lembrada, se torna novamente presente...Nesse sentido, as angústias, a incerteza do amanhã, as dificuldades do ontem se tornam novamente presentes no aqui e agora.

O que motivava e motiva essas e muitas outras mulheres a continuar sua luta diária? A sobrevivência da família. São mulheres pluriativas. Todas as artesãs entrevistadas e observadas são pluriativas.

Ela relata que gostava muito do tempo que tinha para dedicar-se ao grupo e ao artesanato, e que quando estavam trabalhando juntas “era muito bom”. Van der Schaaf, em seu livro *jeito de mulher rural* afirma a importância do processo de agrupamento e reunião, pois ocorre o fortalecimento e empoderamento das que participam. Cita-se:

Todo processo de participação tem como resultado uma autoestima mais elevada das integrantes, as quais aprendem que podem contribuir com ideias para o funcionamento do grupo, pois todas possuem – ao menos formalmente – o mesmo direito de decisão. O poder de decisão e o “ser alguém” contrastam com a identidade dessas mulheres na vida diária, de mães e esposas acostumadas a atuar pelo bem da família, sem direito a respeito e poder de decisão (SCHAAF, 2001, p. 180-181).

Dona Gizélia carregando *Typha* spp.



FONTE: ACERVO PESSOAL DE CARVALHO, 2017.

Dona Gizélia, alagoana, nascida em junho de 1960. Teve 18 filhos nascidos. 3 morreram. Criou 15 filhos trabalhando, pescando, fazendo esteira e o que aparecesse. Hoje, está aposentada e recebe salário-base do INSS.

a gente é quem nem Camões, vivendo e aprendendo” (sic). No entanto, não entendi o que Dona Gizélia quis dizer, mas ela explicou: cada dia que a gente se adapta ao trabalho, a gente vai analisando e criando mais, porque assim, a gente támo trabalhando né, aí vem qualquer uma de nois vamos fazê isso assim assim, e vê se dá certo? Aí, uma já faz de um jeito, outra já faz de outro, e assim vamos aprendendo. Aí vai pra feira, e a gente vê o que tem mais saída, o que não tem, e aí vamos aprendendo. Eu trabalhava com esteiras, aí Iracema começou a inventar uns chapéus pra fazer brinquedo. Aí irmã dela começou a trabalhar aqui, e me chamou: Gizélia vamô fazê bolsas? Aí nós feiz. Aí nos saiu arremendando, nós acertava, não acertava...” (entrevista concedida em outubro 2017).

Dona Ednilza na associação de artesãs.



Dona Ednilza, nascida aos 16 de junho de 1978, no Assentamento Lagoa Grande, artesã- extrativista, casada, mãe de três filhos.

a *Typha spp*, para Dona Gandhi é sobrevivência, principalmente sobrevivência socioeconômica, haja vista que ela é hoje, o arrimo da família.

O esposo está desempregado desde 2014 e só consegue “bicos” ou trabalhar temporariamente nos terrenos de algum conhecido. Gandhi como é conhecida por todos trabalha em casa, na associação, e sobrevive das diversas fontes de renda. É uma artesã-extrativista pluriativa. A renda da família vem dos produtos artesanais que consegue vender a partir da extração da *Typha spp* e da palha do Ouricuri. É pescadora e recebe o Defeso. Junto com as mulheres artesãs, também faz parte bolos e lanches quando recebem encomenda do P.A.A.

Fonte: Acervo Pessoal: Carvalho, dez de 2016.

Siliprandi e Cintrão (2006) elaboraram uma pesquisa de avaliação sobre a participação das mulheres rurais no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003 pelo governo federal, como parte do Programa Fome Zero. De acordo com Siliprandi e Cintrão (2011), por meio do PAA podem ser adquiridos alimentos diretamente de agricultores familiar e suas organizações, grupos, cooperativas, com dispensa do processo de licitação, desde que estes alimentos sejam destinados a instituições sociais (hospitais, entidades assistenciais, instituições escolares e para pessoas em situação de “insegurança alimentar e nutricional” que recebem cestas de alimentos. Elucidam as autoras que os objetivos do PAA, são: a) incentivar a produção de alimentos na agricultura familiar; b) contribuir para o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade pelas populações em situação de insegurança alimentar e nutricional, assim como contribuir com a formação de estoques alimentar. Cita-se:

Podem participar do PAA homens e mulheres agricultores familiar, pescadores artesanais, silvicultores, extrativistas, indígenas, membros agricultores assentados. Para participar do programa é preciso estar enquadrado nos critérios do Programa Nacional de Fortalecimento à agricultura Familiar (PRONAF), através da apresentação da Declaração de Aptidão (DAP) ao PRONAF. A DAP foi criada em 2003, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para identificar os agricultores e agricultoras familiar que poderiam ter acesso aos créditos de investimento e custeio no âmbito do PRONAF (2011, p.15)



FIGURA DONA MARIA JOSÉ E A FLOR CONSTRUÍDA A PARTIR DA FIBRA DA TABOA



A organização em grupos produtivos é uma das formas que as mulheres rurais têm encontrado para fortalecer suas capacidades e ao mesmo tempo diminuir as dificuldades encontradas no processo de comercialização de seus produtos. Siliprandi e Cintrão (2011) destacam que muitos grupos começam a união propondo potencializar atividades que normalmente já faziam em seu cotidiano, a exemplo do artesanato, como é o caso das mulheres artesãs que trabalham com a taboa, com a palha do Ouricuri etc., ou como Dona Maria José que utilizando seus conhecimentos e saberes, transforma a taboa em linha e faz flores de crochê.

FONTE: Andréa Carvalho, 2017

- Trabalho com artesanato mais lá em casa tem...deixa eu ver... dezesseis chapéus de palha do Ouricuri.
- De noite mesmo, a gente faz uma trança, faz um talo... (Dona Sorriso)
- Tem uma pessoa que encomenda minha mãe, aí quando ela encomenda é um valor alto, essa pessoa mora lá em Japoatã, povoado de Japoatã. Dezesseis dúzias de chapéu, agora mesmo *vai* querer oito dúzias de chapéu, aí o que queu faço, boto as meninas pra fazer chapéu, e eu fico no chapéu nas horas vagas, quando não tô aqui. De noite, quando não tô fazendo nada, o dia que não venho pra qui (centro de artesanato), um dia que se eu viajo não venho, aí às vezes eu faço o chapéu em casa. (sic; entrevista concedida em junho de 2017. Fonte: Carvalho, 2017).

Dona Maria José é hoje uma das lideranças femininas do Assentamento Santana dos Frades. Artesã-extrativista, trabalha com a taboa, com o Ouricuri. Vende produtos da natura, pesca, trabalha no lote da família. O esposo trabalha em diversas funções: lote, vende algo aqui e acolá, trabalha no lote, etc. A participação das mulheres no PAA se dá por meio da associação de artesãs do Assentamento Santana dos Frades. No entanto, atualmente não é mais uma fonte de renda constante. Dona Maria José explica o motivo, quando questionado sobre as fontes de geração de renda:

- Da roça, da pesca, a gente recebe uma vez por ano auxílio da pesca (defeso), o bolsa família, a gente participa do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) só que agora tem 4 pessoas no projeto, aí fica fazendo rodízio. Então a gente agora não tem mais tanto pedido. (sic).

A gente deixa uma parte pra quando tiver o próximo pedido a gente ter condições de fazer, guarda o dinheiro da energia, e também se a gente precisar de alguma coisa. É comunitário, mas com as bolsas a gente não faz mais isso. A gente comprou o forno, aí todas nós nos reunimos e fazemos o bolo pra entregar.

O pagamento, assim que a gente entrega o bolo, a gente *vai* pra Propriá, aí tira nota fiscal e entrega pra ele, logo o dinheiro entra na conta. Como o bolo a gente trabalha no coletivo, a gente reparte.

A última frase de Dona Maria José “das bolsas a gente antes deixava, mas agora cada qual vende o seu” mostra a situação de separação que vem ocorrendo entre as artesãs. Uma das maiores dificuldades que as mulheres têm é a conciliação do tempo trabalho de casa/trabalho fora de casa. As atividades são muitas e diferenciam de acordo com as questões familiares. Dona Maria José tem filhos adultos, esposo e nora que residem com ela, então ela pode participar ativamente da associação nos horários manhã e tarde. Já Dona Edenilza tem três filhos homens e o esposo, mas raramente recebe algum tipo de ajuda nos afazeres, recaindo sobre ela as atividades do lar. Assim, pela manhã ela se dedica aos afazeres domésticos e pela tarde ao artesanato. Na mesma situação se encontra Dona Nininha que tem uma netinha que agora mora com ela.

Em análise, encontramos diversos estudos sobre relações de poder, desigualdades de gênero, mas não foi possível uma análise aprofundada das relações de poder entre as mulheres, haja vista que, a grosso modo, há um mito de que, nas relações entre as mulheres, principalmente em relação às questões que envolve o trabalho, a cooperação, o diálogo, as mulheres são “mais compreensivas, menos agressivas, mais cooperativas e solidárias”. Não é o que estamos encontrando entre as relações que ocorrem entre as associações de artesãs de Santana dos Frades, nem as do Povoado Tigre e do Povoado Piranhas. Mesmo que as mulheres ocupem posições de voz ativa, se não houver reflexão sobre suas ações e atitudes, não haverá mudança em qualquer sentido, em relação às questões de poder.

De acordo com Almeida (2011), nos anos 1980/90, há uma expansão da crítica feminista, e esta passa a construir uma crítica teórica na qual as diferenças são consideradas, porém “[...] não justificam qualquer forma de opressão do sexo masculino sobre o feminino, considerando que a realidade é socialmente construída e que cada ser humano tem o potencial e o direito de definir seu destino ” (2011, p.171), constata-se que a superação de um sistema de desigualdade não se alcança somente pelo fato de que o ser inferior obtenha os direitos e ocupe as mesmas posições do superior, pois permanece as desigualdades e desequilíbrios, assim como, as vozes, mesmo entre as mulheres, continuam desiguais. A opressão, a nulidade de voz ativa, o medo de se pronunciar e ser punida e/ou excluída; assim, para além dos discursos sobre igualdade na diferença, devemos começar a pensar nas diferenças na igualdade...

Por outro aspecto, mas sem fugir da linha teórica de Almeida, Van der Schaaf escreve sobre militância e maternidade. Van der Schaaf (2001), destaca o peso que os dogmas religiosos têm na vida das mulheres e afirma que conhecermos o modelo ideológico é essencial para compreendermos os motivos que levam as mulheres aceitar posicionamentos desfavoráveis e desiguais. Para a autora, a sociedade brasileira, assim como toda a América Latina, o modelo ideológico que define as identidades masculinas

e femininas é o machismo-marianismo. E esse modelo que mantém as hierarquizações, define as identidades, as relações e a divisão de tarefas. O papel de homem (macho) é aquele homem viril, dominador, que toma para si todas as decisões, sustenta a casa e é a figura pública da casa. Por sua vez, a mulher ideal é a virtuosa, que se preserva, se resguarda, e se sacrifica em prol de seu marido e filhos.

Dona Nininha tecendo cordas a partir da *Typha* spp.



Fonte: Acervo Pessoal, Carvalho 2017.

Nascida no dia 19 de setembro de 1980. Dona Moça relata que ela só foi pra maternidade pra nascer e depois voltou e se criou dentro do assentamento. Nasceu na luta do assentamento, tendo o pai como um dos líderes da luta, senhor Severino de Jesus (71 anos). A mãe tem atualmente 74 anos e ambos estão vivos.

Casada há 20 anos. Tem três filhas. A mais velha dezenove, a do meio fez 15 anos em setembro de 2017 e a caçula fez treze anos agora no dia 28 de setembro de 2017. A de 19 anos acabou de se tornar mamãe e Dona Nininha, avó. No momento de nosso diálogo, está toda orgulhosa e sorridente.

Relata que a vida melhorou muito após começar a trabalhar com a taboa. Antes, trabalhava com tarrafa e demorava muito para ter retorno financeiro de seu trabalho. Dona Nininha trabalha na roça com seu esposo. Trabalha em casa, pesca e se dedica ao artesanato.

- Tarrafa é aquilo que a gente joga e pesca. Eu pescava mais minha mãe. Mas depois que vim pra qui, ela me ensinou a trabalhar nas bolsas, eu aprendi. Tem uns três anos que trabalho mais Maria José. Minha professora foi ela. Se eu não venho pra qui fico mais triste. A taboa pra mim é um meio de sobrevivência. É bom. E também, trabalhando com a taboa eu saí daqui pra ir pras feiras. Foi muito bom pra mim. Eu aprendi fazê o que não sabia” (sic; Entrevista realizada em março de 2017.).

Essa resposta de Dona Nininha é repleta de significados. Ela responde claramente que a taboa pra ela é um meio de sobrevivência. A pergunta de pesquisa fenomenologicamente se mostra e vem à luz nesse momento. Como escreve Fernandes, pensar é uma tessitura, é tecer e fiar o tecido da linguagem que se desvela, o pensamento e a linguagem aqui se entrelaçam nos fios invisíveis que trazem à luz nossos pensamentos e emoções. Lê-se:

O seu falar, precisa tornar-se um dizer, isto é, um deixar e fazer ver o que se mostra em si mesmo e a partir de si mesmo. Precisa se tornar então, a ressonância e a repercussão do próprio vir à fala, do que se evidencia, ou seja, do que emerge, do que vem à luz. Isso significa: ir as coisas mesmas (FERNANDES, 2011, p.18).

Foi esse sentimento de cuidado que mobilizou Dona Iracema, quando não queria mais ajudar apenas com um pedaço de pão, mas queria antes de tudo, ajudar as mães das crianças a “construir sua fornalha e sovar seu próprio pão”, tornando-se independente de assistencialismos. Como afirma Fernandes é o cuidado que sustenta nosso ser-no-mundo, haja vista que:

De fato, o ser-em, ou melhor, o em-ser (In-Sein), consiste, precisamente, no morar, no habitar, no demorar-se e deter-se junto a. Em sendo no mundo, inaugurando-o como o entorno de nosso próprio cuidar. De fato, o mundo vigora com aquela abertura, aquela irrupção no ser realizada pelo cuidado (FERNANDES, 2011, p. 22).

Dona Gilvaneide – trabalhando em cooperação e partilhando momentos: construindo vida



FONTE: ACERVO PESSOAL DE CARVALHO E BOMFIM, 2017

Dois filhos, um menino de 17 e uma menina de 14 anos. O esposo é agricultor. Em 2004 fez curso de três meses ofertado pelo SEBRAE para trabalhar com palha do Ouricuzeiro e em 2006 fez em um curso ministrado por Dona Iracema para trabalhar com a taboa. Ela diz que os filhos e esposo a ajudam com os afazeres domésticos para que ela possa dedicar-se ao trabalho com a taboa. Foram as irmãs que a chamaram para formar um grupo para trabalhar com a taboa. Antes da taboa, trabalhava confeccionando tarrafa feita de Nylon. Fazia tarrafa de 18 palmos e vendia de R\$30,00, depois passou pra R\$40,00 e depois R\$60,00. “[...] hoje tá R\$60,00, mas o problema que uma tarrafa leva em média 3 meses para ficar pronta (sic)”. Recebia o bolsa família, mas agora o esposo já se aposentou e ela não recebe mais. O esposo tem quarenta e três anos e se aposentou devido a uma deficiência visual.

Dona Ivanda – Dona Sorriso: trabalhando sempre com um sorriso no rosto.



FONTE: ACERVO PESSOAL DE CARVALHO E BOMFIM, 2017.

Dona Ivanda dos Santos, 44 anos, casada, mãe de dois meninos e duas meninas, estudou até a quarta série e se casou aos 24 anos de idade. Quando a mãe faleceu, ela foi morar em São Paulo, e quando voltou reatou o namoro e se casou. A filha mais velha tem 21 anos e ela tem 22 anos de casada. Hoje, ela cuida também da netinha, Jessica, nascida da filha mais velha que no momento, mora e trabalha em Santa Catarina. Tem 12 anos (2017) que trabalha com taboa.

- “Antes minha vida era assim, era só na trança, as vez nem trabalhava na trança, só ficava em casa mesmo, era só cuidando de filho, depois que peguei esse artesanato, comecei a trabalhar mais as meninas, aí saí mais de casa, ficava o dia lá trabalhando com as meninas, quando viajava eu ia, quando viajava num ia (aqui, depois de ouvir várias vezes, compreendi que ela quis dizer: quando as meninas viajavam para as feiras, ela ia para o centro, quando as meninas estavam lá no centro, ela trabalhava lá no centro, ao invés de trabalhar em casa).É assim, foi muito melhor. Na trança ganha também sabe, mas no artesanato é muito melhor. Tem os bolo que a gente faz, aí reuni nós 5 (cinco), aí já dá pra juntar dinheiro, um pouco a gente guarda pra próxima vez, e o resto a gente reparte entre nós”. (sic; Entrevista concedida em Agosto de 2017).

Nessa construção socioambiental, educacional e cultural, riquezas que informações permeiam os diálogos, em que a sobrevivência é uma condição *sine qua non* para que a mulher em assentamento possa ressignificar matéria prima em artefatos artesanais diversos, objetivando o sustento financeiro da família. Nas entrevistas, mesmo considerando as relações desiguais entre elas, podemos perceber a união destas mulheres, a forma como uma auxilia a outra na troca de informação, aprendizagens e na revisitação da memória passada, assim como há trocas sobre como tingir, como tornar a taboa mais brilhante, como apreender novas formas de produção.

Quanto ao aspecto socioambiental, ocorre quando as mulheres extrativistas-artesãs têm os saberes tradicionais que foram sendo transmitidos de forma natural, haja vista que moram em um assentamento e seus pais e avós já pertenciam a esse lugar. Na verdade, entre elas há laços de amizade e laços sanguíneos. Dona Gizélia está ligada à Dona Nininha, que está ligada a Dona Maria José. Martins (2002) já havia descrito os laços

de parentesco entre os moradores de Santana dos Frades, destacando que, na época em que estudou a comunidade, apenas um morador não tinha laços de parentesco na comunidade. Lemos:

Observando-se a população de Santana dos Frades, toda ela, com excessão de apenas uma pessoa, é formada por negros, mulatos e cafusos. O único morador de pele clara tem cabelos crespos. Isso evidencia o fato de os moradores daquele povoado serem descendentes de africanos e índios da "região" (MARTINS, 2002, p.90).

Os laços de amizade e os laços de parentesco continuam fortes em Santana dos Frades. Observando as mulheres da comunidade, percebemos bem a divisão do trabalho efetuado pelas mulheres. Pela manhã, elas cuidam dos afazeres domésticos, da horta, dos quintais produtivos, dos animais domésticos e vão para o rio lavar roupa. Pela tarde, quando o sol começa a amainar, os grupos de mulheres, vizinhas, amigas, companheiras, conhecidas, começam a se formar nas varandas, ou embaixo de alguma árvore frondosa. É a hora do artesanato. Seja com taboa, seja com palha do Ouricuri, seja fazendo crochê, elas se reúnem, conversam, riem e trabalham.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### A) Sobre a *Typha spp.*

O que difere da literatura é a altura da espécie da *Typha spp* encontrada no local, assim como o fato de que, desde que começamos a pesquisa empírica em 2016 até o presente momento da tese, não houve brotação de sementes e sem semente, não é possível fazer a identificação positiva de qual subespécie essa espécie de *Typha spp* pertence. Sabemos que a *Typha spp.* é uma planta hidrófita (aquática), perene e ereta, com tamanho que pode variar de dois a quatro metros de altura. Floresce de julho a agosto, e apresenta na parte superior em forma de espiga flores masculinas que caem e no interior, espiga cor de chocolate ou ocre, femininas. O fruto apresenta plumas que lembram penugens de aves. No entanto, a espécie da *Typha spp* encontrada, alcança, segundo relato das artesãs, mais de 5 metros de altura, e em momento algum observamos frutos, nem masculino, nem feminino.

Nascimento et al. avaliaram a produção de biomassa aérea, a dinâmica de crescimento e a composição químico-bromatológico de plantas de taboa, em diferentes alturas de corte, sob condições semiáridas. A *Typha spp* encontrada no povoado Tigre, Pacatuba, Sergipe atingiu uma altura de 4 metros e 13 centímetros, considerando a extensão da raiz à folha final, o que comprova o que foi encontrado por Nascimento et al (2015) ao afirmar que as características morfogênicas das plantas são influenciadas pela altura da planta. Esteves et al, realizam estudos na Região Norte Fluminense e encontraram espécie da *Typha spp* que variava de 50 cm a 2 metros e cinquenta de comprimento foliar. Grace

e Harrison (1986) as descrevem com plantas que variam até 3 metros e Imolene Souza infere crescimento de até 4 metros de altura.

Concluimos que há uma conexão, uma interdependência entre a *Typha spp* e as mulheres extrativistas-artesãs. Se, por um lado, a colheita e transformação da *Typha spp* em produtos que, ressignificam e são ressignificados pelas mulheres extrativistas-artesãs, por outro lado, as mulheres contribuem com a sobrevivência da sustentabilidade local onde a *Typha spp* brota. É uma sinergia, uma simbiose entre mulheres extrativistas artesãs e a taboa. O conhecimento entre gerações, de mãe para filhas e, o observar cotidiano, permitiram que as mulheres extrativistas-artesãs conhecessem a melhor forma de cortar a taboa, mantendo-a produtiva, para que possa ser colhida novamente. Já a *Typha spp*. per se é uma macrófita que tem a capacidade de filtrar poluentes presentes no ambiente, mas, se não for colhida dentro de um determinado prazo, ela acabar por liberar substâncias que propiciarão a eutrofização do ambiente aquático. Por isso, a simbiose.

## **B) Sobre as mulheres extrativistas-artesãs de Santana dos Frades: categorias de análise a partir da fenomenologia social**

Em todas as entrevistas-diálogos que obtivemos constatou-se Trabalho; sobrevivência; resiliência, o que já fica claro pelos destaques escolhidos acima.

Em vivência cotidiana: trabalho versus riscos. Nas vozes das mulheres e nas situações encontradas durante visita in lócus, constatamos os riscos aos quais as mulheres artesãs estão expostas cotidianamente. Riscos de choque elétrico, devido a uma instalação inadequada e sem qualquer tipo de aviso em uma das áreas alagadas utilizadas pelas mulheres. Em um outro momento, encontramos uma cobra enroscada na árvore que íamos deixar as roupas antes de entrar no lago. Cercas, arames farpados, caprinos, bovinos, peso em excesso, longas caminhadas de ida, carregando instrumentos perfurocortantes e a volta, que, além dos instrumentos, era sobrecarregado pela distância, pelo sol escaldante, e pelo peso dos ramalhos de *Typha spp*. na cabeça. E ainda tinha os atoleiros.

De acordo com Schutz, o mundo da vida constrói-se a partir de uma gama de conhecimentos comuns compartilhados pelos membros do grupo. Eu, forasteira, afundei até os tornozelos e precisei de ajuda de Dona Gilvaneide e Dona Edenilza para sair da lama, já Jéssica, imediatamente após ter afundado até a cintura, sentou-se distribuindo o peso do corpo e saiu tranquilamente da situação...eu, desprovida dos conhecimentos comuns do grupo, de seus saberes sobre o mundo da vida, afundaria até o pescoço, tal qual a cabra. Assim, dividimos vivências cotidianas: trabalho versus riscos nas subdivisões abaixo:

- a. risco químicos – exposição às plantas (urtigas, cansanção), dependendo do local onde colhem a taboa, se estes forem próximos à plantações, há o risco de

contaminação por defensivos químicos; ao manusearem rações sem máscaras apropriadas, há o perigo de contágio por vírus, bactérias, fungos que podem afetar tanto a pele (contato) ou as vias aéreas respiratórias e ácaros.

- b. riscos ergonômicos – as mulheres extrativistas-artesãs caminham por quilômetros para poderem colher a taboa, carregando seus instrumentos nas mãos ou em sacolas que não oferecem segurança per se;
- c. riscos biológicos – ao longo da jornada de seu trabalho de extração da taboa in natura, as mulheres estão expostas a diversas situações de risco, como passar por gados, tendo que tangê-los para poder passar. Ao mergulharem, elas podem se deparar com cobras, aranhas, abelhas e marimbondos.

Para além dos perigos enfrentados, as mulheres estão tentando encontrar formas de conciliar os afazeres domésticos, de mães, de mulheres, de artesãs etc., por meio do diálogo, da busca de se acertarem e permanecerem “um grupo de artesãs”. São muitas incógnitas, mas ao mesmo tempo, estas mulheres estão se tornando referência. Referência de força e liderança, companheirismo e no assentamento, elas têm procurado envolver as gerações mais novas, a exemplo de Dona Iracema e o trabalho que desenvolveu com as artesãs da taboa, assim como o que desenvolve com o grupo de jovens que frequentam a igreja a qual ela lidera. Dona Gicélia, tornou-se referência de luta e sobrevivência, assim como é inegável o papel que desempenhou na propagação do ensino do manuseio da *Typha spp.*, por outras pessoas da comunidade. Atualmente, Dona Maria José tem mantido um importante papel de liderança feminina no Assentamento, contribuindo com a permanência no assentamento.

Mesmo tendo evidências de trabalhos desenvolvidos que demonstram as diversas áreas nas quais a *Typha spp.* pode ser utilizada, os moradores e as artesãs em sua maioria desconhecem seus usos. Conforme os estudos avançavam, eu compartilhava com as mulheres o que eu aprendia sobre a *Typha spp.* enquanto elas me ensinavam partes do seu ofício, o fato da taboa poder ser utilizado nas mais diversas formas tornou-se de certa forma, um prelúdio assombroso.

Prelúdio assombroso pela previsão futura de disputas e perda de acesso à *Typha spp.*, uma vez que o conhecimento das diversas maneiras de uso da espécie seja conhecido. Outro ponto que merece atenção é a extração da mesma. Por enquanto, como a *Typha spp.* é colhida apenas pelas mulheres artesãs de forma manual, não há danos visíveis à planta, e as mulheres têm respeitado o ciclo de vida da mesma, pois elas têm ciência da importância de aguardar o tempo correto para a colheita, assim como todas as artesãs, exceto uma, relatou ter cuidado em seguir as orientações de Dona Iracema e Dona Gicélia na hora do corte, cuidando para não danificar a raiz. Há, portanto, uma interdependência entre as mulheres extrativistas-artesãs e a *Typha spp.*

O ambiente é revitalizado, a água dos lagos e áreas alagadas permanece límpida

e cristalina. Podemos observar peixinhos e outras formas de vida. Isso graças ao poder de filtração de impurezas da macrófita, que podada no tempo certo, será uma fonte de sustentabilidade ambiental da área. Por outro lado, é a planta que permite a sustentabilidade econômica e conseqüentemente, socioambiental das mulheres extrativistas-artesãs. Sem a *Typha spp.* as mulheres teriam que procurar outra fonte, outra forma de gerar renda suficiente que permita a permanência em seu local de vida cotidiana, nesse caso, no Assentamento Santana dos Frades.

Finalmente, podemos inferir que essas mulheres se inserem dentro da economia solidária, economia criativa e agora, conforme cresce o número de associações e de mulheres participantes, estas se inserem dentro do que Sampaio (2010) denomina de ecossocioeconomia das organizações. Elas participam da colheita, preparo da planta, confecção artesanal dos seus produtos e, quando participam das feiras, estas mulheres se inserem dentro de um sistema de distribuição de seus produtos, que são vendidos diretamente ao consumidor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à sociedade. Graças ao imposto pago, me foi possível uma bolsa de estudos para financiar meu trabalho.

CAPES/CNPQ/UFS/pelo apoio financeiro em todos os momentos necessários à construção da tese e conseqüentemente deste trabalho.

A parceria efetuada com as mulheres e equipe do NEDET.

A todas as mulheres artistas, artesãs, ativistas, extrativistas... que lutam cotidianamente para sua sustentabilidade. Para elas, sustentabilidade não se separa de resiliência, vivências e aprendizados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série-Estudos** Campo Grande - MS, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/viewFile/132/251>. Acessado por Carvalho em outubro de 2018.

ALMEIDA, Anaildes. **A construção do ser homem e ser mulher**. Salvador: EDUNEB, 2010.

ALMEIDA, Ronise Nascimento de. **Itinerantes rurais: a sustentabilidade das famílias pluriativas**. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <<https://bdt.d.ufs.br/handle/tede/1113>> Acesso em abril de 2016

ALMEIDA, Ronise Nascimento de. Organizações sociais: numa proposta de sustentabilidade em assentamentos rurais. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. Disponível em: <https://bdt.d.ufs.br/handle/tede/1209>. Acesso em abril/2016.



ALSTON, Margaret. Gender Mainstreaming and Climate Change. In: **Women's Studies International Forum**, vol. 47, pp. 287-294. 2014. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/02775395/47>. Acesso em julho de 2015.

ARAÚJO ALMEIDA, Rogério de; OLIVEIRA, Luiz Fernando Coutinho de; KLIEMANN, Humberto José. Deformação em inflorescência de taboa (*Typha angustifolia* L.) submetida a esgoto sanitário. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v. 37, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2530/253020281010.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

ARAÚJO, Cédina Maria. A invisibilidade do trabalho das mulheres na produção em assentamentos rurais de Baraúna/RN. In: CARVALHO, Marília Pinto. PINTO, Regina Pahim. **Mulheres e Desigualdade de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2008.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARKO, J.W.; Gunnison, D.; Smart, R.M. 1991. Sediment interactions with submersed macrophyte growth and community dynamics. *Aquatic Botany* 41: 41-65. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com>. Acesso em: março de 2016.

BEAMAN, Lori. DUFLO, Esther. PANDE, Rohini. TOPALOVA, Petia. Female Leadership Raises Aspirations and Educational Attainment for Girls: A Policy Experiment in India. In: **Science** vol. 335 february 2012. Disponível em: [www.sciencemag.org](http://www.sciencemag.org). Acesso em março de 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 9ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BENERIA, L. Reproduction, production and the sexual division of labour. p.202-225. **Cambridge Journal of Economics**, 3. 1979. Disponível em: <http://cje.oxfordjournals.org/content/3/3/203.extract>. Acesso em fevereiro de 2016.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luís Antônio Cabello. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. 1966. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORGES, Ana Kleiber Pessoa. **Despoluição de águas superficiais e efluentes de piscicultura através de sistemas construídos de áreas alagadas** (Constructed Wetland). 2005. xv, 140 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103934>. Acesso em: março de 2017.

BRANDÃO, Tatiana F. B. BORGES, Janice R. P. As estratégias de sobrevivência e ações organizativas das Integrantes de uma Associação de Mulheres Agricultoras, em transição agroecológica, no Semiárido Sergipano. IX Congresso Brasileiro de Agroecologia: Diversidade e Soberania na Construção do Bem Viver. In: **Cadernos de Agroecologia**, vol. 10, n. 3, 2015.

BRASIL - Reflora – **Herbário Virtual**. Disponível: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do?idTestemunho=3801575>. Acesso em 23/10/2017.

BRASIL, M. S. et al. Plantio e desempenho fenológico da taboa (*Typha spp.*) utilizada no tratamento de esgoto doméstico em sistema alagado construído. **Revista de Engenharia Sanitária e Ambiental**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 266-272, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/esa/v12n3/a04v12n3>. Acessado por Carvalho em 11 de abril de 2017.

BRASIL. Bove, C.P. 2015. **Typhaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB242>.

BFG. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*, v.66, n.4, p.1085-1113. 2015. (DOI: 10.1590/2175-7860201566411).

BRASIL. PEAC- Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras. IV Encontro do PEAC. Disponível em: <http://programapeac.com.br/iv-encontro-do-peac/>. Acesso em fevereiro/2017.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>> Acesso em julho de 2015.

BRUMER, Anita. Mulher e Desenvolvimento rural, 1996. p.39-58. In: PREVESLOU, Clío; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFMS, 1996.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução Caesar Souza. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CLAASSEN P. W. A Possible New Source of Food Supply. *The Scientific Monthly*, Vol. 9, No. 2 (Aug. 1919), pp. 179-185 Published by **American Association for the Advancement of Science** Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/6739>. Acesso em: Setembro de 2017

CLAASSEN P. W. A Possible New Source of Food Supply. *The Scientific Monthly*, Vol. 9, No. 2 (Aug. 1919), p. 179-185 Published by **American Association for the Advancement of Science** Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/6739>. Acessado por Carvalho em Setembro de 2017.

CONNELL, Raewyn. 100 million Kalashnikovs: gendered power on a world scale. **Debate Feminista**, v. 51, p. 3-17, 2016. Disponível em: <[https://ac.els-cdn.com/S0188947816300275/1-s2.0-S0188947816300275-main.pdf?\\_tid=ce6e543a-0856-11e8-bab5-00000aacb361&acdnat=1517603136\\_ca0f0ee8b09f0aec9172249cfa82d2ba](https://ac.els-cdn.com/S0188947816300275/1-s2.0-S0188947816300275-main.pdf?_tid=ce6e543a-0856-11e8-bab5-00000aacb361&acdnat=1517603136_ca0f0ee8b09f0aec9172249cfa82d2ba)> Acesso em: junho de 2016.

DEERE, Carmen D.; LEÓN, Magdalena. **O empoderamento da mulher**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FIA, Fátima Resende Luiz et al. Remoção de nutrientes por *Typha latifolia* e *Cynodon* spp. cultivadas em sistemas alagados construídos/Nutrients removal by *Typha latifolia* and *Cynodon* spp. grown in constructed wetlands. **Revista Ambiente & Água**, v. 6, n. 1, p. 77, 2011. Disponível em: [http://www.ablimno.org.br/acta/pdf/04\\_200401.pdf](http://www.ablimno.org.br/acta/pdf/04_200401.pdf). Acesso em dezembro de 2017.

FISCHER, Isaura Rufino. A mulher do acampamento rural na conservação ambiental. P. 241-262. In: MOURA, Alexandrina Sobreira (org.). **Políticas Públicas e Meio Ambiente: Da economia política às ações setoriais**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.

FRIEDAN, Betty. **IT CHANGED MY LIFE: Writings on the women's Movement**. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts. 1998.

GALLINDO, Donizete. Instituto Embu de Sustentabilidade. Vídeo 9 min:27s. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=ZkhfUC7gRKg>. Acessado por Carvalho em Junho de 2017.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and Women's Development** – 380. reprint. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1936.

GILLIGAN, Carol; RICHARDS, David A. J. (2008-11-10). **The Deepening Darkness: Patriarchy, Resistance, and Democracy's Future** (p. 19). Cambridge University Press. Kindle.

GRACE, J. B. No HARRISON, J. S. The biology of Canadian weeds.: *Typha latifolia* L., *Typha angustifolia* L. And *Typha xglauca* Godr. Canadian. **Journal of plant**. Vol.66 Pages 361-379. Disponível em: <<http://www.nrcresearchpress.com/toc/cjps/66/2>> Acesso em: dezembro de 2017.

GROSSHANS, Richard E; GRIEGER, Lorne. **Cattail biomass to energy**: commercial-scale harvesting of cattail biomass for biocarbon and soil fuel. Winnipeg, Manitoba, Canada. International Institute for Sustainable Development Ottawa, Ontario. Canadian Electronic Library, 2013.

GROSSHANS, Richard. Cattail Harvesting Research Conducted in Manitoba: The Western Producer. 2011. Disponível em: <[http://www.nwroc.umn.edu/sites/nwroc.umn.edu/files/cattail\\_management.pdf](http://www.nwroc.umn.edu/sites/nwroc.umn.edu/files/cattail_management.pdf)> Acesso em: julho de 2017.

GROSSHANS, Richard. In: SVEDARSKY, Dan; BRUGGMAN, Joshua; ELLIS-FELEGE, Susan et al. **Cattail Management in the Northern Great Plains**: Implications for wetland wildlife and bioenergy harvest. Northwest Research and Outreach Center, University of Minnesota, 2016. ACESSO por Carvalho em julho de 2017.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. BRITO, Murillo Marschner Alves de. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. p. 71-82. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva. HIRATA, Helena;

LOMBARDI, Maria Rosa. (Orgs). **Gênero e Trabalho no Brasil e Na França**: Perspectivas Interseccionais. Tradução Carol de Paiva. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARTMANN, H. Capitalism, patriarchy, and job segregation by sex. Signs. **Journal of Women in Culture and Society**, 1 (3)p.137-169. Spring, 1976.

HARTUNG, Tammi. **Cattail Moonshine & Milkweed Medicine**: The Curious Stories of 43 Amazing North American Native Plants. Storey Publishing, 2016.

HENRIQUES, Fernanda. Da possível fecundidade da racionalidade de Paul Ricoeur para o pensamento feminista. In: FERREIRA, Maria Luíza Ribeiro. **Pensar no Feminino**. Lisboa: Colibri, 2001.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, Ano 9, n8. p. 1-28. Jan/jun. 2006.

HERNÁNDEZ, Carmen Osório. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras (97 -121). In: SCOTT, Parry; CORDEIRA, Roseneide; MENEZES, Marilda. **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ed. Mulheres. Ilha de Santa Catarina, 2010.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Textos Filosóficos. Portugal: Edições 70 Ltda., 1973.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi** : le sujet en formation. Lausanne, Éditions l'Âge de l'Homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação** (terceira edição no palco nos "Clássicos das histórias de vida", Coleção Pesquisa (auto)biográfica e Educação. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2012b.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo biográfico: Corpo que fala. **EDUCAÇÃO REAL**. V.37, n1, p. 19-31, Porto Alegre, 2012a. southern coastal region of Bangladesh. Original Research Article disponível em: **International Journal of Disaster Risk Reduction**, Volume 8, June 2014, Pages 68-82. Disponível em : <[www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212429914000041](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212429914000041)> Acesso em março/2015.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 846-857, 2008.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. Relações de Gênero em Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (RS): Participação da Mulher na Produção e Reprodução em Unidades Familiares e Coletivas. p 94-116. In: PREVESLOU, Clío; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFMS, 1996.

LINDE, Arlyn F; JANISCH, Thomas; SMITH, Dale. Cattail – the significance of its growths, phenology and carbohydrate storage to its control and management. Technical Bulletin N 94 – **Department of Natural Resources** – Madison, Wisconsin, 1976.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. **Da Colonização dirigida na Amazônia à Reforma Agrária no Nordeste: Origem, Trajetórias e Perspectivas de Colonos e Assentados**. São Cristóvão/SE: EDUFS, 2013.

MARQUES, Mariana Cristina Huget. *Typha domingensis* Pers. (Typhaceae) do Artesanato à fito remediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados – Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ. Macaé, 2015. Disponível em: <[http://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Mariana\\_Cristina\\_Huget\\_Marques.pdf](http://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Mariana_Cristina_Huget_Marques.pdf)> Acesso em: dezembro de 2017.

MATOS, A. M. d. M.V.; LOURENÇO, A.R.; BOVE, C.P. Typhaceae in **Flora do Brasil 2020 em construção**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB242>>. Acesso em: setembro de 2017.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. Tradução Rosa Krausz. (Debates: 5/dirigida por J. Guinsburg. Título Original da Obra: Sex and Temperament in three primitive societies. 3ª. Reimp da 4. ed de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MEIHY, José Carlos S. **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de historia oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 4. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Jorge M. L. do; Queiroz, Mário A. A.; Gomide, Catarina A.; Lacerda, Roseli S.; do Amaral, Atanásio A.; Ferrari, Jéferson L. Potencial nutricional de plantas de *Typha domingensis* Pers. como opção forrageira. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, vol. 9, núm. 2, 2014, pp. 290-294. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

NASCIMENTO, Jorge Messias Leal do et al. Crescimento e valor bromatológico de taboa sob condições semiáridas. **Pesquisa Agropecuária Tropical**. Goiânia, v. 45, n. 1, b p. 97-103, mar. 2015. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-40632015000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-40632015000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

NASCIMENTO, Jorge Messias Leal do. COSTA, Fernanda Rodrigues Lima da. QUEIROZ, Mario Adriano Ávila. SANTOS, Manoel Eduardo Rozalino. Crescimento e Valor Bromatológico da taboa sob condições semiárida. Disponível em: **Pesq. Agropec. Trop.**, Goiânia, v. 45, n. 1, p. 97-103, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pat/v45n1/1983-4063-pat-45-01-0097.pdf>> Acesso em: janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Débora Catherine Santos. **Produtores rurais do alto sertão sergipano: financiamento e estiagem em foco**. 2015. 175 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2754>. Acesso em março/2017

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogia da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. **Ciência hoje**. v.5 n.28, jan./fev. 1987.

PEIXOTO, Adão José. HOLANDA, Adriano Furtado (Coord.). **Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba. Juruá, 2011.

- PENA, Maria Valério Junho; CORREIA, Maria C.; VAN BRONKHORST, Bernice. **A questão de gênero no Brasil** (2005). Rio de Janeiro, Gráfica O Lutador, 2005.
- PHILIPPI JR, Arlindo. TUCCI, Carlos E. Morelli; HOGAN, Daniel Joseph; NAVEGANTES, Raul. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. Vários Colaboradores. São Paulo: Signus, 2000.
- PREVESLOU, Clio. Família, auto-suficiência alimentar e desenvolvimento. 9-23. In: PREVESLOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio. (Orgs.) **Mulher, Família e Desenvolvimento rural**. Universidade Federal de Santa Maria: EDUFMS, 1996.
- SACHS, Jeffrey D. (2015). **The Age of Sustainable Development**. New York, NY: Columbia University Press.
- SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Eossocioeconomia das Organizações : gestão que privilegia uma outra economia. Blumenau. Edifurb, 2010.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAMPAIO, Helena (concepção do projeto). Modos de Fazer :Artesanatos de Tradição no Brasil, Itaobim/ MG. de Vídeo 7 min :44s, disponível em : [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=36&v=tQPjYq7vtls](https://www.youtube.com/watch?time_continue=36&v=tQPjYq7vtls). Acessado por Carvalho em Junho de 2017
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- SCHUTZ, Alfred. **O cenário cognitivo do mundo da vida**. In: WAGNER, Helmut R. (Org). Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SCHUTZ, ALFRED. **Fenomenologia e Relações Sociais**: Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.
- SCOTT, Russel Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. p.17-35. IN: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- SCOTT, Russel Parry. Ruralidade e mulheres responsáveis por domicílios no Norte e no Nordeste. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 425, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a09v15n2>> Acesso em: março de 2016.
- SCOTT, Russel Parry; RODRIGUES, Ana Cláudia; SARAÍVA, Jeíza das Chagas. Onde Mal se Ouvem os Gritos de Socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. IN: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. Mendes. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000. Disponível em < [http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11\\_artigo\\_ecofemi.pdf](http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11_artigo_ecofemi.pdf)> Acesso em agosto de 2014.
- SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- SILIPRANDI, Emma. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural (p. 139 – 152). In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Disponível em: <http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/especial/mulheres-construindo-a-agroecologia>. Acesso em agosto de 2014.

SILVA, C. F. et al. Avaliação da resposta hematológica dos animais tratados com *Typha domingensis* Pers. e *Operculina hamiltonii* sobre nematoides gastrintestinais de caprinos. **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 35, n. 3, p. 568-574, 2011.

SILVA, C.F. et al. Avaliação da eficácia de taboa (*Typha domingensis* Pers.) e batata-de-purga [*Operculina hamiltonii* (G. Don) D.F. Austin & Staples] in natura sobre nematoides gastrintestinais de caprinos, naturalmente infectados, em clima semiárido. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 12, n. 4, p. 466-471, dez. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-05722010000400010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722010000400010&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: julho de 2017.

SIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. As Mulheres no Programa de Aquisição de Alimentos, p. 12 a 33. In: **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, 18(2): 12-32, 2011.

SMITH, Galen S. The Cattails (*Typha*): Interspecific Ecological Differences and Problems of Identification, **Lake and Reservoir Management**, 2:1, 357-362, 2009. DOI: 10.1080/07438148609354657. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07438148609354657?needAccess=true>> Acesso em: dezembro de 2017.

SOJDA, R.S.; SOLBERG, K.L. **Management and control of cattails**. U.S. Fish and Wildlife Leaflet 13.4.13. 8 p. Washington, D.C, 1993. Disponível em: <[https://www.nwrc.usgs.gov/wdb/pub/wmh/13\\_4\\_13.pdf](https://www.nwrc.usgs.gov/wdb/pub/wmh/13_4_13.pdf)> Acesso em: outubro de 2017.

SVEDARSKY, Dan; BRUGGMAN, Joshua; ELLIS-FELEGE, Susan et al. **Cattail Management in the Northern Great Plains**: Implications for wetland wildlife and bioenergy harvest. Northwest Research and Outreach Center, University of Minnesota. 2016.

SVEDARSKY, W.Dan. **Biological inventory of a flood control impoundment in northwest Minnesota and potential for nongame and game bird management**. Disponível em: <[http://files.dnr.state.mn.us/eco/nongame/projects/consgrant\\_reports/1992/1992\\_svedarsky.pdf](http://files.dnr.state.mn.us/eco/nongame/projects/consgrant_reports/1992/1992_svedarsky.pdf)> Acesso: junho de 2017.

SVEDARSKY, W.Dan. Cattail management for wetland wildlife and bioenergy potential. **Legislative Citizens Commission on Minnesota's Resources work plan**. Disponível em: <[http://www.lccmr.leg.mn/projects/2014/work\\_plans/2014\\_06i.pdf](http://www.lccmr.leg.mn/projects/2014/work_plans/2014_06i.pdf)> Acesso em: julho de 2017.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 ago. 2018.

VAN DER SCHAAF, Alie. **Jeito de mulher rural**: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. Passo Fundo. UPF, 2001.

VAN DER SCHAAF, Alie. **Jeito de mulher rural**: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. Passo Fundo. UPF, 2001.

VANDANA, Panda; THAKUR, Tejas. Wound Healing Activity of the Inflorescence of *Typha elephantina* (cattail). In: **The International Journal of Lower Extremity Wounds**, V.13 – 1 p. 50-57, Dec/2013.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: Epistemologia e metodologia operativa. 2.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WAGNER, Helmut R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: **Fenomenologia e Relações Sociais**. Organização e Introdução de Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

WOORTMANN Ellen F. Prefácio. In: SCOTT, Parry. CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p.11-16.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agrotóxicos 8, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 80, 85, 213, 252, 257, 258, 259

Área de preservação permanente 19, 23, 49, 54, 63

Assistência técnica 47, 49, 55, 64

Atores sociais 145, 146, 151, 152, 158

### C

Cadastro ambiental rural 24, 45, 50, 51, 52, 57, 66, 171

Carvão mineral 145, 146, 147, 150, 154

Cientista do solo 241, 242

Comissão de saneamento 193, 196

Consumo de água 193, 194, 195, 196

Currículo 198, 229, 244

### E

Efeito estufa 154, 199, 232, 233, 236, 237, 238

Ensino fundamental 48, 59, 135, 191, 207, 222, 230, 232, 234, 235, 238, 241, 242, 243, 245, 249

Ensino médio 48, 59, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 230, 249

Ensino superior 7, 48, 175, 176, 183, 197, 198, 200, 201, 202, 206, 207, 208, 210, 222

Espaço geográfico 160, 185, 242, 248

Extensão universitária 66, 217, 220

### F

Fiscalização 24, 46, 52, 153, 157, 159, 162, 163, 171

### G

Grau de escolaridade 48, 55, 59

### H

Hackathon ambiental 195

### I

Instituições do terceiro setor 164

### M

Managing natural resources 31

Marketing digital 210

Matéria orgânica 174, 177, 181, 241, 242, 243, 244, 246, 247

Modelo de gestão 173, 268

## P

Papel do educador 198, 200, 201

Perfil socioeconômico 47, 55, 58, 59, 150

Pesca artesanal 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 139, 144

Política ambiental 13, 64, 77, 193, 261

Política pública 151, 152, 158, 168

Preservação 2, 12, 19, 21, 22, 23, 24, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 57, 61, 63, 68, 73, 74, 149, 160, 166, 171, 175, 179, 202, 221, 228, 234, 249

Primeiro código florestal brasileiro 20

Produção de alimentos 4, 80, 87, 108, 214, 242

Professores 99, 170, 198, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 222, 225, 238, 241, 242, 249

## Q

Qualidade de vida 67, 72, 76, 77, 82, 126, 132, 151, 154, 175, 182, 199, 200, 201, 203, 204, 207, 224, 252, 255, 256, 259

Qualidade hídrica 164, 166

Queimadas 14, 232, 233, 235, 236, 238

## R

Regularização ambiental 23, 45, 53

Reserva legal 10, 19, 22, 24, 25, 45, 46, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65

Resgate histórico 210

Revolução industrial 1, 2, 3, 4, 5

Revolução verde 8, 11, 17, 18

## S

Serviços ecossistêmicos 79, 81, 83, 88, 89, 171, 247

Sistema capitalista 14, 186, 214, 215

Solidariedade 127, 217, 218, 258

## V

Vivências 81, 91, 101, 114, 116, 133



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# O MEIO AMBIENTE E A INTERFACE DOS SISTEMAS SOCIAL E NATURAL

 Atena  
Editora

Ano 2020

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# O MEIO AMBIENTE E A INTERFACE DOS SISTEMAS SOCIAL E NATURAL

 Atena  
Editora

Ano 2020